

RESSALVA

Atendendo solicitação da
autora, o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 02/03/2023.

MARITA PEREIRA PENARIOL

**DA FAMILIARIDADE MEDIEVAL AO DESMENTIDO NA PANDEMIA DE
COVID-19: panorama das atitudes frente à morte e ao morrer no
Ocidente**

ASSIS

2022

MARITA PEREIRA PENARIOL

**DA FAMILIARIDADE MEDIEVAL AO DESMENTIDO NA PANDEMIA DE
COVID-19: panorama das atitudes frente à morte e ao morrer no
Ocidente**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ASSIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

P397d Penariol, Marita Pereira
Da familiaridade medieval ao desmentido na
pandemia de Covid-19: panorama das atitudes frente à
morte e ao morrer no Ocidente / Marita Pereira Penariol.
Assis, 2022.
270 p.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Rodrigo Sanches Peres

1. Morte. 2. Luto. 3. Pandemia de COVID-19.
4. Subjetividade. 5. Finitude. I. Título.

CDD 155.937



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: DA FAMILIARIDADE MEDIEVAL AO DESMENTIDO NA PANDEMIA DE COVID-19:
panorama das atitudes frente à morte e ao morrer no Ocidente

AUTORA: MARITA PEREIRA PENARIOL

ORIENTADOR: RODRIGO SANCHES PERES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em Psicologia, área:
Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. RODRIGO SANCHES PERES (Participação Presencial)
UFU/Uberlândia / UFU/Uberlândia

Prof. Dr. MANOEL ANTONIO DOS SANTOS (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia / USP/Ribeirão Preto

Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA (Participação Presencial)
Departamento de Psicologia Social / UNESP/FCL-Assis

Prof. Dr. FRANCISCO HASHIMOTO (Participação Presencial)
Departamento de Psicologia Social / UNESP-Assis

Prof. Dr. SILVIA NOGUEIRA CORDEIRO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia e Psicanálise / Universidade Estadual de Londrina

Assis, 02 de setembro de 2022

*Aos inumeráveis:
A quem se materializou apenas nas lembranças; a quem, apesar da dor, do
sofrimento e do desespero, conseguiu (re)existir;
A todas e todos, pela existência infinita;
Impossível contar os números, é necessário contar as histórias.*

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Francisco Hashimoto, estimado Chico, pela acolhida no doutorado, por ser meu primeiro orientador, por me encorajar a pesquisar essa temática, pela amizade e pelos laços além da academia. Agradeço por contribuir com minha trajetória intelectual, profissional e humana, pelo exemplo enquanto pessoa, docente e pesquisador.

Ao Professor Dr. Rodrigo Sanches Peres, meu atual orientador, por conduzir esse processo com tanta leveza, respeito, generosidade e empatia. A mudança de orientação no processo do doutorado, em geral, desperta ansiedade e aflição. Mas, você foi um presente nesse caminhar. Obrigada por compartilhar saberes e conhecimentos e me apresentar autores e conceitos que contribuíram de forma inimaginável na produção dessa pesquisa.

Aos meus pais, José Francisco Elaine, por, absolutamente, tudo... Por todos os sacrifícios para que eu chegasse até aqui, pelo acesso à educação, por permitirem caminhar livremente, encorajarem minhas escolhas e confiarem em mim. Pela vida e por todos os ensinamentos que livro algum jamais me ensinou. Vocês são meus verdadeiros mestres, meu exemplo, minha força diária. Gratidão pelo amor incondicional, afeto, ternura e suporte. Obrigada por compreenderem também as ausências e renúncias durante o doutorar. Essa conquista é nossa!

A minha irmã, Mayra, pelo amor, amizade, cumplicidade, apoio desmedido, por poder contar contigo sempre e por me dar os presentes mais lindos da vida – minhas sobrinhas.

As minhas amadas sobrinhas Sofia e Alice, por me trazerem a vivacidade, alegria, doçura, ternura e por despertarem o amor mais lindo e sincero.

Ao meu noivo e, em breve, marido, Eduardo, pela vida compartilhada, pelo porto seguro e abraço acolhedor, por acreditar em mim quando achava que não seria possível, por poder dividir contigo todos os meus sonhos, medos e anseios, por todo amor, cuidado e incentivo no decorrer dessa jornada e de outras que virão. Você foi/é essencial nesse caminhar.

A família Eduardo por todo carinho, torcida e hospitalidade não apenas durante o cumprimento dos créditos do doutorado, mas ao longo de todos esses anos. Vocês também são minha família.

A Andrea, mais que uma amiga, uma mãe. Pela amizade, acolhimento, escuta e afeto. Há 30 anos cuidando de mim e de toda minha família.

As minhas queridas tias, Tica e Érika, pelo amor, estima e incentivo.

A minha tia postiça, Carla, pelos laços de amizade e profissão, por me encorajar a prosseguir com amor, ética e profissionalismo e ainda me apresentar textos e discussões significativas para a escrita desse trabalho.

Aos amigos e amigas de trajetória acadêmica, profissional e pessoal, Maico, Nivaldo, Mariana, Pedro, Mário que contribuem significativamente na minha formação de vida. E a Emily, amiga mais que especial, presente da Unesp/Assis, pelos laços afetivos, amizade, carinho, acolhimento, energias e orações. Obrigada por ser presença diária em minha vida.

As amigas de Jaboticabal: Camila, Vanessa, Milena, Francine, Mariana, Marita Rossi, Carol, Monize, pela amizade de longa data, pelo carinho e afeto. Mesmo distantes fisicamente, vocês são presença constantes.

A Vivian pela amizade e apoio na jornada acadêmica do doutorado, por compartilhar as alegrias, as conquistas e também as angústias ao longo desse processo.

A Magali pela amizade, carinho, torcida, orações. Amiga sempre disposta a ouvir e acolher. Obrigada pelas conversas acadêmicas e de vida.

A Dara Maria, ex-orientanda, hoje amiga, pelas trocas acadêmicas e pessoais e pela parceria na produção de trabalhos na área.

A Professora Dra. Mariele Rodrigues Correa e ao Professor Dr. Manoel Antônio dos Santos, membros da Banca de Qualificação, pela leitura atenta e cuidadosa e pelas contribuições enriquecedoras para o aperfeiçoamento dessa pesquisa.

A Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), especialmente ao Departamento de Pedagogia (DEPED), aos professores e a chefia departamental, pelo apoio e pela valorosa experiência de docência. Aos meus alunos e alunas dessa universidade que direta ou indiretamente contribuíram nesse processo de construção de saberes e conhecimento.

A todos mestres e mestras, doutores e doutoras, professores e professoras que fizeram parte da minha formação acadêmica, intelectual, profissional, ético-política e humana.

Aos servidores técnico-administrativos da seção de Pós-graduação da FCL-UNESP Assis, em especial ao João, Marcos e Lucilene, por todo o suporte institucional necessário durante o doutorado.

A todas e todos que direta ou indiretamente estiveram comigo e contribuíram na realização dessa pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. A CAPES, pelo incentivo financeiro para a realização dessa pesquisa.

Diante da Morte, tudo se torna repentinamente puro. Não há lugar para mentiras. E a gente se defronta então, com a Verdade, aquilo que realmente importa. Para ter acesso a nossa verdade, para ouvir de novo a voz do desejo mais profundo, é preciso tornar-se um discípulo da Morte. Pois ela nos dá lições de vida, se acolhemos como amiga. “A morte é nossa eterna companheira” (ALVES, 1991, p. 14).²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral compreender as transformações acerca das atitudes frente à morte e ao morrer desde a Idade Média à contemporaneidade, na sociedade Ocidental, de forma a abarcar, inclusive, as singularidades determinadas pela pandemia de Covid-19. Trata-se de um estudo teórico, fundamentado no estabelecimento de interlocuções entre autores provenientes de diferentes disciplinas no campo das Ciências Humanas. Para tanto, inicialmente analisamos a transferência da morte do ambiente doméstico e familiar para os hospitais, a transição das cerimônias públicas e do compartilhamento das manifestações de pesar para a interdição da morte e a privação do luto, o afastamento dos cemitérios para áreas periféricas e a criação das organizações funerárias. Na sequência, refletimos sobre o tabu da morte e suas contradições na atualidade, o apego excessivo à vida, o morrer atravessado por recursos tecnológicos, a mercantilização da morte e sua conversão em mercadoria frente ao expressivo nicho de serviços e produtos ofertados aos enlutados e a espetacularização e banalização da morte exploradas diariamente nos programas televisivos. Por fim, discutimos as especificidades da morte, do morrer e do luto na pandemia de Covid-19 no cenário brasileiro, as desigualdades evidenciadas na pandemia, as ressonâncias dos impedimentos de rituais fúnebres convencionais e a necessidade de criação de novos ritos para a simbolização da morte, os efeitos da pandemia na subjetividade e as formações sintomáticas e a urgência da educação para a morte, inclusive junto às crianças. Adicionalmente, assumimos um enfoque propositivo a partir da apresentação de novas noções relacionadas às múltiplas facetas da morte e do morrer na pandemia. Nesse sentido, defendemos que aquilo que chamamos de “morte desmentida” se destaca como a marca distintiva de uma mentalidade própria do contexto pandêmico do país, a qual se caracteriza, fundamentalmente, pelo não reconhecimento do sofrimento associado às perdas causadas pela doença em questão.

Palavras-chave: Morte; Luto; Pandemia de Covid-19; Subjetividade; Finitude.

ABSTRACT

The present study has the general objective of understanding the transformations about attitudes towards death and dying from the Middle Ages to contemporary times, in Western society, in order to cover, including, the singularities determined by the Covid-19 pandemic. It is a theoretical study, based on the establishment of dialogues between authors from different disciplines in the field of Human Sciences. Therefore, we initially analyzed the transfer of death from the domestic and family environment to hospitals, the transition from public ceremonies and the sharing of expressions of grief to the interdiction of death and the deprivation of mourning, the removal of cemeteries to peripheral areas and the creation of funeral organizations. Next, we reflect on the taboo of death and its contradictions today, the excessive attachment to life, dying crossed by technological resources, the commodification of death and its conversion into merchandise in the face of the expressive niche of services and products offered to the bereaved and the spectacularization and trivialization of death explored daily in television programs. Finally, we discuss the specificities of death, dying and mourning in the Covid-19 pandemic in the Brazilian scenario, the inequalities evidenced in the pandemic, the resonances of the impediments of conventional funeral rituals and the need to create new rites for the symbolization of death. death, the effects of the pandemic on subjectivity and symptomatic formations and the urgency of education for death, including with children. Additionally, we take a purposeful approach from the presentation of new notions related to the multiple facets of death and dying in the pandemic. In this sense, we argue that what we call “denied death” stands out as the distinctive mark of a mentality specific to the country’s pandemic context, which is fundamentally characterized by the non-recognition of the suffering associated with the losses caused by the disease in question.

Keywords: Death; Mourning; Covid -19 pandemic; Subjectivity; Finitude.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO.....	19
1. AS TRANSFORMAÇÕES DA MORTE AO LONGO DA HISTÓRIA: DA FAMILIARIDADE AO SILENCIAMENTO	28
1.1 A morte domada	30
1.2 A morte de si.....	34
1.3 A morte do outro	38
1.4 A morte interdita	40
1.4.1 A morte escondida nos hospitais	41
1.4.2 A comunicação sobre a morte	46
1.5 O advento do testamento.....	48
1.6 Os cuidados e o tratamento com o corpo morto	52
1.7 As cerimônias e os rituais fúnebres	56
1.8 O sepultamento dos mortos.....	66
1.9 As manifestações de luto	79
1.10 A medicalização da vida e a patologização do luto.....	84
2. A MORTE E O MORRER NA CONTEMPORANEIDADE	90
2.1 As transformações da morte no contemporâneo frente à centralidade da vida	92
2.2 Os paradoxos da morte	99
2.3 A morte, o morrer e os recursos tecnológicos	104
2.4 O uso das tecnologias no pós-morte	110
2.5 A mercantilização da morte	116
2.6 A espetacularização da morte	122
3.1 O processo do luto e suas dimensões	139
3.2 As diversas modalidades de luto	151
3.2.1 Luto não reconhecido	152

3.2.2 Luto antecipatório	154
3.2.3 Luto inibido e luto adiado	156
3.2.4 Luto complicado.....	157
3.2.5 Luto coletivo.....	157
3.3 As desigualdades do viver e do morrer escancaradas na pandemia.....	159
3.4 As múltiplas facetas da morte pandêmica	166
3.4.1 Morte protocolar.....	166
3.4.2 Morte desafiada	172
3.4.3 Morte banalizada	175
3.4.4 Morte desmentida	182
3.5 Lutos em tempos de pandemia de Covid-19	193
3.6 A importância dos rituais de despedida	204
3.7 A pandemia, o trauma e as formações sintomáticas	214
3.8 A morte, o luto e as crianças	218
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	235
REFERÊNCIAS	239
ANEXO A – Fluxo de realização de boletim clínico e visita virtual para pacientes internados com Covid-19	268
ANEXO B – Fluxo para noticiar óbito por Covid-19 na pandemia.....	269
ANEXO C – Recomendações sobre noticiar a morte a uma criança na pandemia de Covid-19.....	270

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa visa traçar um panorama das atitudes frente à morte e o morrer e suas transformações ao longo da história ocidental. Inicialmente, pretendíamos fazer um recorte temporal entre a Idade Média e a modernidade. Entretanto, no decorrer da escrita desta tese, mais especificamente em dezembro de 2019, fomos surpreendidos com a descoberta de um novo vírus – o SARS-CoV-2, causador da doença Covid-19 (*Coronavirus Disease 2019*), o qual mudou substancialmente a nossa forma de viver, nos relacionar e, mais ainda, de encarar a morte, o morrer e o processo de luto. Se antes tínhamos consciência da finitude humana, mas ela parecia algo distante para algumas pessoas, a pandemia escancarou essa realidade e nos trouxe a certeza de que somos seres vulneráveis e mortais. Os sentimentos de medo, insegurança e ansiedade tornaram-se dominantes nesse cenário. Dessa forma, consideramos de suma relevância incluirmos reflexões sobre as singularidades do processo do morrer, a morte e o luto no contexto de pandemia da Covid-19.

Franco (2021, p. 9) questiona a relação entre sujeito e objeto de pesquisa:

[...] o fenômeno estudado precisa se relacionar com quem o estuda? Não pode haver um interesse científico desconectado da história do pesquisador? A resposta natural diz que podem, claro que pode, mas, se houver algum significado que toque o pesquisador, seu trabalho terá outro tom, com efeitos talvez mais impactantes.

Amparada nesse pensamento, nesta seção, busco apresentar um breve relato sobre a trajetória profissional e pessoal que me levou a delimitação desse tema de pesquisa, minhas inspirações, questionamentos, desejos...

Durante a graduação em Psicologia, desenvolvi uma pesquisa de Iniciação Científica, sob orientação do Professor Dr. Francisco Hashimoto, intitulada “Relação indivíduo e organização estratégica: um estudo psicossociológico”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O objetivo desta investigação foi compreender a relação entre o indivíduo e as organizações estratégicas, o processo de ruptura dessa relação, sobretudo a perda laboral e as consequências para o sujeito. O interesse no estudo sobre a perda laboral e os efeitos para o trabalhador se deu a partir de uma vivência pessoal. Um membro de minha família, após mais de uma década trabalhando em uma organização, decidiu pedir o

desligamento em decorrência das condições laborais, sobretudo no período subsequente à privatização daquela instituição.

Alicerçados nas discussões desse estudo, ressaltamos que “o desligamento do sujeito em relação à organização não significa apenas a perda do emprego, mas de toda uma história construída nesse ambiente” (PENARIOL; HASHIMOTO, 2017, p. 120-121). Sobre isso, Gaulejac (2007, p. 201) destaca:

[...] não é apenas um emprego que se perde, para eventualmente encontrar um outro, mas toda uma vida que é quebrada: sentimento de desvalorização de si, ruptura das redes de solidariedade, perda dos elementos constitutivos da identidade profissional, culpabilidade, vergonha, fechamento sobre si, ruptura da comunidade de trabalho que apoiava a existência.

O trabalho ocupa um importante papel na constituição da nossa subjetividade, na construção da identidade pessoal, profissional e social. A sociedade moderna atribui um valor expressivo à atividade laboral a ponto de associar diretamente o indivíduo ao local de trabalho, como se, para ser e existir, temos que necessariamente estar vinculados a uma ocupação. Nesse sentido, a desvinculação do sujeito com o trabalho pode implicar em uma crise identitária, já que ele poderá não ser mais reconhecido como antes, além de ser um episódio vivenciado como um processo de luto pois houve a perda de algo significativo na vida daquela pessoa.

O rompimento da relação entre sujeito e a organização, bem como as consequentes perdas advindas desta ruptura, representam para o sujeito uma sensação de morte e desaparecimento, perda da atividade laboral e do convívio social. Para tanto, Florence Morel-Jayle (2000) faz uma relação entre o luto e a perda do emprego, ou seja, faz-se necessária a elaboração psíquica de modo que haja uma desidentificação e desidealização do sujeito frente à organização. Quando essa ruptura é repentina, ela é vivenciada como uma situação de fracasso e impotência, além do sentimento de culpa por parte do sujeito (PENARIOL; HASHIMOTO, 2017, p. 121-122).

Após a conclusão dessa pesquisa e o término da graduação em Psicologia, embarquei rumo à Universidade Paris VII – Denis Diderot, na França, a convite do professor Vincent de Gaulejac, para a realização de um estágio no *Laboratoire du Changement Social et Politique* (Laboratório de Mudança Social e Política). Durante o período de três meses em que lá estive, participei de atividades relacionadas aos seminários de pesquisa, palestras, conferências e eventos, grupos de estudo vinculados ao laboratório, encontros no Centro Internacional de Psicossociologia de Paris, dentre

outras imersões. Essa vivência foi enriquecedora seja no âmbito acadêmico e profissional, pessoal e cultural.

Já no mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Silvio José Benelli, buscamos compreender a lógica de funcionamento da gestão pública de uma prefeitura municipal localizada no interior de São Paulo. Fundamentados na perspectiva teórica, metodológica e técnica da Análise Institucional, investigamos as práticas, os discursos, as modalidades de gestão, os problemas e impasses daquela realidade. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo e recorremos às ferramentas da observação participante, com a inserção nas atividades cotidianas das secretarias municipais de Governo e Administração, de Saúde e de Assistência Social, e ao diário de campo para enriquecer as reflexões desta pesquisa.

Dentre os analisadores potenciais, discutimos o tempo de trabalho dos servidores, o regime de contratação e as relações de poder, a gestão municipal e os princípios da Administração Pública, as transferências, punições e demissões, sobretudo nos períodos de troca da gestão municipal. Sobre isso, os trabalhadores pontuaram as principais mudanças tais como a entrada dos novos prefeito e vice-prefeito, bem como secretários municipais, vereadores, nomeação de funcionários comissionados e função de confiança, cargos de chefia, alteração nos planos, planejamentos e projetos da gestão anterior, realocação ou dispensa de funcionários, perseguições e punições por questões político-partidárias.

Desse modo, observamos que os impasses provenientes da gestão pública municipal podem suscitar sentimentos diversos entre os trabalhadores, tais como medo, angústia, ansiedade e insegurança, resultado das possíveis demissões e transferências, dentre outras consequências que também podem afetar à saúde do trabalhador. Todas essas transformações, direta ou indiretamente, eram vivenciadas como perdas pelos trabalhadores inseridos nesse universo, fossem eles concursados, comissionados ou em cargos de confiança.

Com a finalização do mestrado, dei início à experiência de docência. Primeiro em cursos de pós-graduação da Faculdade Estácio de Sá, de Ourinhos (Ourinhos/SP), em seguida, na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), campus Santa Cruz (Guarapuava/PR). Sobre a última, antes mesmo de ingressar no doutorado na Unesp,

em 2017, durante a etapa de seleção para contratação de professores, ministrei minha primeira aula, cujo tema foi “As contribuições da Psicologia na Tanatologia”. Esta representou meu passaporte para a inserção na referida universidade. Confesso que fiquei bastante intrigada com essa temática inusitada – definida, no caso, pelo sorteio realizado no contexto próprio processo seletivo – e com as infinitas possibilidades de estudo, caminhos e desdobramentos, motivando meu desejo de compreendê-la ainda mais.

A partir de 2018, enquanto docente nesta instituição, percebi que, de alguma forma, as questões relacionadas às perdas, reais ou simbólicas, atravessavam as discussões nas disciplinas ministradas por mim. Mais explicitamente, no curso de Enfermagem, debatemos sobre cuidados paliativos, o morrer, a morte, o luto antecipatório de pacientes acometidos por doenças graves, o luto dos familiares e também dos próprios profissionais de saúde, perdas e mortes no desenvolvimento humano (infância, adolescência, vida adulta e velhice), as contribuições da Psicologia sobre o processo da morte e morrer no contexto hospitalar e outros conteúdos relativos ao campo da saúde. Ainda que seja um assunto tabu e que, em certas ocasiões, as pessoas preferem se esquivar da conversa, percebi o interesse e entusiasmo por parte das alunas e dos alunos. Eles relataram que foi a primeira oportunidade na graduação que tiveram para refletir sobre essas questões e reconheceram a importância para a formação profissional e pessoal. Nos cursos de licenciatura e na Pedagogia, dentre os tópicos elencados na ementa e plano de ensino, estudamos a teoria do ciclo vital, do período intrauterino ao envelhecimento, e a importância da educação para a morte já que ao longo da vida não somos ensinados a perder; por isso, temos a tendência de encarar a morte como sinônimo de fracasso. À primeira vista, quando apresentei o plano de ensino da disciplina e os conteúdos abordados no decorrer do ano, especialmente os relacionados à morte e ao morrer, alguns discentes demonstraram certo receio, dado o tabu na contemporaneidade. Contudo, nas palavras dos próprios estudantes, a abordagem leve, sensível e respeitosa, fez com que as discussões fluíssem com aproveitamento satisfatório e com que compreendessem a relevância dessas análises, uma vez que serão professores e lidarão constantemente com crianças e adolescentes enlutados, seja pela morte de familiares, morte do animal de estimação e perdas

intrínsecas à vida. Já na área das ciências sociais aplicadas, debatemos a relação entre trabalho e saúde mental bem como a perda do emprego e seus efeitos para a saúde do trabalhador.

No final de 2018, ao prestar nova prova na mesma universidade, apesar das possibilidades e estatísticas entre os dez temas diversos a serem sorteados, mais uma vez fui contemplada com a trama da morte na aula didática. Durante dois anos consecutivos, a morte me “assombrou” nos testes seletivos para professora colaboradora... Fortuitos são nossos encontros diante da lei das probabilidades. E, mesmo diante da aleatoriedade, me permiti viver esse desafio.

Paralelamente a essas experiências, eu e minha família nos deparamos com a morte súbita e inesperada de uma pessoa próxima à família. Para além do sofrimento dessa perda, tivemos a difícil missão de comunicar o ocorrido para uma criança, na época com 4 anos. Apesar do conhecimento teórico, das inúmeras leituras, estudo, planejamento de aulas, senti a necessidade de me aprofundar nas discussões relativas à morte. Tal vivência despertou o desejo em estudar o tema não apenas com a finalidade de ajudar meus familiares, mas realmente de me dedicar a algo complexo, doloroso e que estava provocando um turbilhão de sentimentos.

Semanas seguintes após esse acontecimento, tive o convite de uma aluna da graduação em Pedagogia para orientação do trabalho de conclusão de curso (TCC). O interesse era pesquisar o luto infantil e a educação da morte no contexto escolar. Na época, bastante receosa sobre a responsabilidade a mim concedida e sobre a tarefa de conciliar todas as atividades acadêmicas e profissionais, aceitei o desafio. Juntas, nos debruçamos nos estudos e detalhamentos do tema. Participamos de eventos, cursos, *lives*, apresentamos trabalhos em congressos, escrevemos textos em parceria, capítulos de livros e artigos, ministramos palestras, e assim por diante.

Todas essas experiências relatadas avivaram um interesse maior em me aprofundar nesse campo de estudo, pesquisa, atuação e intervenção. A pesquisa aqui apresentada é o resultado de toda essa trajetória.

INTRODUÇÃO

Desde os tempos remotos, lidar com a morte é uma questão que atravessa a subjetividade humana. No transcorrer da história, a morte adquiriu diferentes sentidos e significados, passando por momentos ora de naturalização, proximidade, exaltação e aceitação, ora de distanciamento, ocultação, interdição, recusa, silenciamento e negação. Esses sentidos e significados produziram efeitos na relação do ser humano com a finitude. Diante da consciência da finitude, homens e mulheres desenvolvem estratégias na “tentativa de compreender e elaborar essa ferida narcísica produzida pela mortalidade” (CORREA, 2011, p. 50). Frente a esse impasse, criam artifícios para combater e postergar esse evento, recorrem às religiões cujas crenças caminham em direção à continuidade da vida após a morte, distanciam-se, interditam, silenciam e negam.

Há várias maneiras de lidar com o fato de que todas as vidas, incluídas as das pessoas que amamos, têm um fim. [...] Podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível – encobrimo e reprimindo a ideia indesejada – ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade – “os outros morrem, eu não”. [...] Finalmente, podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida. Podemos considerar parte de nossa tarefa fazer com que o fim, a despedida dos seres humanos, quando chegar, seja tão fácil e agradável quanto possível para os outros e para nós mesmos; e podemos nos colocar o problema de como realizar essa tarefa (ELIAS, 2001, p. 7-8).

A morte é um acontecimento que nos atravessa durante toda a existência. É um fenômeno inexorável, irrevogável, irreversível e que não deve ser assimilado de forma apartada do mundo. Morin (1997, p. 10) argumenta que “a sociedade funciona não apenas apesar da morte e contra a morte [...], mas que ela só existe, como organização, *por, com e na morte*” (grifos nossos) Por isso, para conhecer uma sociedade, é fundamental entender o modo com que os sujeitos lidam com a morte e seus mortos (GIACIOIA JUNIOR, 2005; CORREA, 2011). Compreender a morte não é simplesmente entender o indivíduo, mas a organização social como um todo, seus aspectos históricos, econômicos, culturais e religiosos.

A morte se situa exatamente na articulação bio-antropológica. É o traço mais humano, mais cultural do *anthropos*. Mas, se em suas atitudes e crenças diante da morte, o homem se distingue com a maior clareza dos outros seres vivos, é

exatamente aí que ele exprime o que a vida possui de mais fundamental (MORIN, 1997, p. 16-17).

Em certa medida, a consciência da própria finitude é um privilégio, visto que somos os únicos seres que podemos pensar e compreender a morte. Torres (1999, p. 17) reflete sobre o potencial humanizador do homem a partir de sua consciência de finitude: “um homem é humano porque é mortal, e é saber que é mortal que o torna humano”. Mas, apesar de ser um importante elemento de compreensão da nossa essência, é algo que gera conflitos dada a noção de sua transitoriedade e seus limites existenciais (FREIRE, 2006). Como observou Negrini (2010, p. 45), “a morte é um fator inquietante para o homem na modernidade. A transitoriedade da vida, a necessidade de aproveitamento do tempo e a necessidade de dar significados à existência fazem com que a ideia de morte seja afastada do âmbito social”. Nesse sentido, a consciência da morte pode ser um fato perturbador (MORIN, 1997).

Logo, conclui-se que “a morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas” (ELIAS, 2001, p. 10). O sociólogo reflete que a morte não é um problema em específico, mas sim o fato de os seres humanos terem conhecimento e consciência da finitude. “Na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos” (ibidem, p. 11). Posto isto, nos questionamos como os vivos fazem diante desse impasse. Menezes e Gomes (2011, p. 104) salientam que “cabe aos vivos a gestão deste processo”. Sendo assim, as formas de viver são atravessadas pela noção da mortalidade.

Embora todo homem [...] tente adiar o encontro com estes problemas e estas perguntas enquanto não for forçado a enfrentá-los, só será capaz de mudar as coisas quando começar a refletir sobre a própria morte, o que não pode ser feito no nível de massa, o que não pode ser feito por computadores, o que deve ser feito por todo ser humano individualmente. Todos nós sentimos necessidade de fugir a esta situação; contudo, cada um de nós, mais cedo ou mais tarde, deverá encará-la. Se todos pudéssemos começar admitindo a possibilidade de nossa própria morte, poderíamos concretizar muitas coisas, situando-se entre as mais importantes o bem-estar de nossos pacientes, de nossas famílias e talvez até de nosso país (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 23).

Negrini (2010, p. 19) ainda observa que nas atitudes diante do momento derradeiro da vida que o ser humano evidencia as suas diferenças em relação aos outros seres vivos”. Schopenhauer (2001), de forma semelhante, sinaliza a diferença entre os animais e os homens quanto à percepção da morte, pois os primeiros vivem sem ter

conhecimento a respeito e desfrutam do momento presente, ao passo que na espécie humana, dotada de racionalidade, surge a “certeza terrível da morte” (p. 23). Morin (1997, p. 13) acrescenta que “[...] a espécie humana é a única para a qual a morte está presente ao longo da vida, a única a acompanhar a morte com um ritual funerário, a única a crer na sobrevivência ou no renascimento dos mortos”. E Giacoia Junior (2005, p. 13) afirma que a espécie humana é o

único animal que *sabe por antecipação da própria morte*; portanto, ao contrário de todos os outros animais, o homem sofre para além do presente, nas dimensões do passado e do futuro, e se pergunta pelo sentido de sua existência – exatamente porque sua única certeza é a de estar destinado a morrer.

Para que se possa compreender como homens e mulheres encaram a morte, é preciso levar em conta que, ao longo da história, surtos de doenças infecciosas assolaram a humanidade, e essas se repetem com o passar dos séculos, tais como Peste de Justiniano (541 d.C.), Peste Negra (1343), Gripe Russa (1889), Gripe Espanhola (1918), Gripe Asiática (1957), a Gripe de Hong Kong (1968), Ebola (1976), AIDS (1981) e outras. Dentre essas moléstias, destacamos a Peste Negra ou Peste Bubônica e a Gripe Espanhola. A Peste Negra, causada pela bactéria *Yersinia Pestis*, encontrada em pulgas em ratos contaminados que, em contato com os humanos, era transmitida e propagada por meio de secreções e vias respiratórias. Estima-se que ao menos um terço da população europeia foi atingida por essa pandemia, porém, há questionamentos de que os números poderiam chegar à metade ou dois terços dos europeus (LE GOFF, 2011). Dentre os recursos de enfrentamento na época, foram adotadas práticas de isolamento, perseguição e até execução de pessoas contaminadas. Vendruscolo (2021) relata que outros protocolos foram criados, tais como a utilização de roupas específicas para evitar a absorção de secreções pelo tecido no cuidado com os contaminados, uso de máscaras com ervas aromáticas na tentativa de reduzir a transmissão, além de modificações nos rituais fúnebres, como sepultamentos em valas comuns e até a incineração de cadáveres. Sobre a Gripe Espanhola, chamada de “mãe das pandemias”, considerada um grande marco não somente em virtude das milhões de mortes registradas, mas por impulsionar questionamentos por parte das autoridades como a conscientização e recomendações de hábitos de higiene pessoal, higienização das mãos, orientações essas que permanecem vigentes na sociedade contemporânea (VICK,

2020). Causada pela variação do vírus *Influenza*, o início da doença deu-se entre os soldados americanos no período na Primeira Guerra Mundial, disseminando rapidamente o vírus. No Brasil, historiadores apontam para o descaso e despreparo do governo frente aos alertas de outros países (GOULART, 2005). A população brasileira buscou soluções próprias e caseiras para lidar com os sintomas da doença e, inclusive, medicamentos utilizados para outras patologias, como o quinino, destinado ao tratamento da malária. Houve precariedade de recursos, mortes e sepultamentos em massa e sofrimento coletivo, antecipando em praticamente um século o caos que vivenciamos na pandemia da Covid-19 (VENDRUSCOLO, 2021).

Contudo, as crises endêmicas não se restringiram até o século XX. No início do século XXI, podemos apontar as epidemias decorrentes do SARS (2002), a gripe aviária (2003) e o ebola (2013). No ano de 2009, houve o registro da primeira pandemia do século XXI – a H1N1, popularmente conhecida como “gripe suína” (PENARIOL *et al.*, 2021).

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, certificou-se sobre a existência de um novo vírus, com alta transmissibilidade, denominado de novo coronavírus (SARS-CoV-2 – *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*), causador da doença Covid-19 (*coronavirus disease of 2019*). “A expressão “do outro lado do mundo”, nesse caso, era extremamente útil para nos distanciar, ilusoriamente, da realidade que se aproximava” (VENDRUSCOLO, 2021, p. 103). Essa descoberta se deu após o surgimento de diversos episódios de síndrome respiratória aguda grave cuja origem, até então, era desconhecida (HUANG *et al.*, 2020). Com rapidez alarmante, casos de pessoas contaminadas surgiram em países asiáticos, como Tailândia, Japão, Coreia do Sul e Singapura. Em curto tempo, a disseminação do vírus atingiu inúmeros países europeus, o continente americano e, inclusive, chegou ao Brasil (AQUINO *et al.*, 2020). Em 11 de março de 2020, mediante ao cenário caótico, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia. A partir dessa deliberação, determinou-se a implementação de práticas de distanciamento e isolamento sociais na tentativa de conter a propagação do vírus, reforçando hábitos de limpeza, higienização das mãos, uso de álcool 70%, cuidados ao tossir e espirrar e obrigatoriedade do uso de máscaras (OPAS/OMS, 2021; PENARIOL *et al.*, 2021).

O primeiro registro da doença no Brasil aconteceu em 26 de fevereiro de 2020. O caso foi confirmado pelo Ministério da Saúde, após um homem, branco, de 61 anos, retornar para São Paulo de viagem à Itália, na época, epicentro da doença (UNA-SUS, 2020). A primeira morte decorrente da doença ocorreu em 12 de março de 2020, em São Paulo: vítima do sexo feminino, 57 anos. Entretanto, a confirmação oficial deste óbito ocorreu somente no final de junho de 2020, demonstrando o retrato do Brasil no início da pandemia. E, no dia 17 de março de 2020, foi registrada a primeira morte na cidade do Rio de Janeiro: uma mulher, 63 anos, empregada doméstica no bairro do Leblon, que se contaminou após o contato com sua patroa que havia retornado de viagem à Itália e estava com a doença¹. Em poucos meses, no final de maio daquele ano, a OMS passou a considerar a América do Sul, particularmente o Brasil, como novo epicentro da pandemia (FEUER, 2020).

A pandemia do novo coronavírus provocou um grande impacto na vida em geral da população, nas formas de se relacionar, viver, conviver, e morrer, na saúde pública, na economia do país e do mundo, na educação, e na formação e atuação dos profissionais da saúde, os quais se mostram essenciais na linha de frente para o combate do vírus (PENARIOL *et al.*, 2021).

As análises e reflexões desta investigação relativas às atitudes do ser humano diante da morte são realizadas sob o prisma da sociedade ocidental. Entretanto, o Ocidente compreende uma perspectiva abrangente. Há que considerar “o papel da cultura como mediadora de significados para a morte e para o luto, tendo a sociedade como coadjuvante” (FRANCO, 2021, p. 102). Nesse sentido, a experiência da morte e do luto são particulares de cada indivíduo, mas também de cada grupo, coletivo e comunidade.

É interessante sublinhar que a morte se revela um importante analisador social de quem somos. “Toda morte fala algo da sociedade em que ela ocorre” (GRANZOTTO, 2018). Desse modo, partimos do pressuposto de que as atitudes diante da morte não são universais e variam de acordo com cada sociedade, isto é, são atravessadas por aspectos sociais, históricos, políticos, culturais, religiosos, econômicos, das crenças e

¹ A pandemia da COVID-19 escancarou ainda mais as desigualdades sociais e econômicas já existentes em nosso país, determinando não apenas as maneiras de viver, mas, inclusive, as de morrer. Ao longo dessa tese, abordaremos essa questão.

rituais. Cada grupo social desenvolve mecanismos de suporte psicossocial para conviver com a ideia de finitude. A morte, assim, se transforma numa experiência institucionalizada socialmente, cercada de ritos, hábitos, costumes e técnicas. À vista disso, os comportamentos relativos à morte na Antiguidade, na Idade Média, nos tempos modernos, no Ocidente e no Oriente, nas diversas culturas, assumem suas particularidades e especificidades, passando por transformações ao longo do tempo histórico e do espaço social. Por isso, se considerarmos que a morte é um analisador de quem somos, é necessário refletir sobre quem nos transformamos durante a pandemia da Covid-19, como essa experiência de perdas reais e simbólicas nos impactou e continua a nos afetar.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a relação do ser humano com a morte ao longo da história na sociedade ocidental. Especificamente, buscamos estudar a morte, o morrer e o luto desde a Idade Média até a contemporaneidade, de forma a abarcar, inclusive, as singularidades determinadas pela pandemia de Covid-19. Trata-se de um estudo teórico², pautado no estabelecimento de interlocuções entre autores provenientes de diferentes disciplinas das Ciências Humanas. O diferencial da tese aqui apresentada é o diálogo entre autores de múltiplos campos do saber e conhecimento, especialmente da psicologia, história, sociologia e psicanálise, a articulação entre aspectos medievais e o contexto atual, além do enfoque propositivo a partir da apresentação de novas noções relacionadas às múltiplas facetas da morte e do morrer na pandemia. Para tanto, esta tese foi sistematizada em três capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos um resgate histórico sobre a relação do ser humano com a morte ao longo do tempo, discorrendo sobre as principais transformações da Idade Média à modernidade. A referência central para essa reflexão será Ariès (2014, 2017), autor que inaugura as noções de morte domada, morte de si, morte do outro e morte interdita para problematizar as atitudes frente à morte e o morrer. Analisamos o distanciamento da morte do ambiente familiar para os hospitais, o advento do testamento,

² No mestrado, decidimos pela realização da pesquisa de caráter empírico em decorrência das experiências de estágios na graduação e o desejo de ir a campo para investigar a realidade apresentada. No entanto, no doutorado, optamos pela pesquisa teórica com a finalidade de uma análise exploratória, de modo a obter uma visão mais teórica do problema antes de propor uma intervenção.

os cuidados e procedimentos com o corpo morto, as cerimônias e os rituais fúnebres, o sepultamento dos mortos e o distanciamento dos cemitérios das áreas centrais para as regiões periféricas, as manifestações do luto nesse período da história e a medicalização da vida e patologização do luto. Destacamos que, se na Idade Média, o morrer era uma cerimônia pública e as manifestações de pesar eram compartilhadas, a Idade Moderna caracterizou-se pela interdição da morte e do luto. Dessa forma, o cuidado dos doentes foi terceirizado para profissionais de saúde, o morrer foi transferido para hospitais e o trato do morto foi delegado às empresas funerárias.

No segundo capítulo, abordamos a morte na contemporaneidade. De modo especial, fazemos reflexões sobre o tabu da morte e suas contradições na atualidade, o apego excessivo à vida e a negação da morte, a tentativa de adiamento da velhice e a preservação da jovialidade por meio de procedimentos estéticos e o poder da indústria da beleza, o morrer atravessado pelos recursos tecnológicos e a utilização de dispositivos tecnológicos no pós-morte, tais como a técnica de criogenia, congelamento do corpo morto na esperança de ressuscitá-lo no futuro e o desenvolvimento de aplicativos os quais permitem diálogos com pessoas mortas, a mercantilização da morte e a sua transformação em mercadoria, o expressivo nicho de mercado da morte e os diversos serviços e produtos ofertados aos familiares enlutados e a espetacularização e a banalização da morte exploradas diariamente nos programas televisivos.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre a morte, o morrer e o luto em tempos de pandemia da Covid-19 dadas as suas singularidades. Embora o termo pandemia designe um evento a nível global, neste capítulo, nos delimitaremos a analisar e discutir especificamente o cenário brasileiro devido as suas particularidades. Apresentamos as circunstâncias, o contexto e as consequências da morte, as desigualdades evidenciadas nos momentos derradeiros da vida, pois elas estão presentes desde o nascimento à hora da morte, a impossibilidade de realização de rituais convencionais funerários, a necessidade de criação de novos ritos de despedida para a simbolização da morte de um ente querido e os possíveis efeitos no processo do luto a partir dessas transformações impostas pela pandemia. Defendemos que a pandemia de Covid-19 promoveu uma exacerbação de tais movimentos, pois o novo coronavírus tende a provocar óbitos que se dão com certa rapidez, de modo isolado e solitário, geralmente em Unidades de

Terapia Intensiva. Logo, a realização de rituais presenciais de despedida se mostra inviável, o que representa um fator de risco para luto complicado. Ademais, sustentamos que o recurso ao conceito psicanalítico de desmentido enfatiza o potencial traumatogênico do não reconhecimento do sofrimento associado às perdas causadas pela doença em questão. Nesse sentido, a partir de um enfoque propositivo com a apresentação de novas noções, fazemos uma aproximação entre o conceito de desmentido, na perspectiva de Ferenczi, e as múltiplas facetas da morte e do luto no atual contexto pandêmico. Alertamos que o referido fenômeno é uma consequência do negacionismo em função do qual muitas autoridades minimizam a pandemia de Covid-19, tornando, assim, a experiência do luto muito mais complexa. Discutimos sobre a urgência de uma educação para a morte e abordaremos a morte no desenvolvimento infantil e o luto na infância. Acreditamos na relevância dessa temática, uma vez que milhares de famílias estão tendo que lidar com a dificuldade de dialogar com seus filhos sobre a morte de alguém próximo. Lembramos ainda sobre a importância do acolhimento dessas crianças enlutadas por educadoras e educadores no contexto escolar, posto que as reações e manifestações do luto infantil não se limitam ao âmbito familiar. Finalizamos, com a proposição de estratégias de comunicação sobre a morte com crianças e recursos didáticos para abordar o assunto, considerando que:

Um dos fatores que têm motivado debates e discussões sobre a morte, nos vários campos profissionais, é sem dúvida a nossa inabilidade atual para lidar com ela. Está havendo uma clara perda cultural em relação à questão da morte. Se o mundo da razão tivesse alicerçado de uma maneira clara e generalizada, nós não teríamos tanto sofrimento em relação à morte e tanta dificuldade para compreendê-la e administrá-la (MARTINS, 2005, p. 73).

Além disso, sublinhamos que o conteúdo de cada um dos capítulos foi pensado levando em conta o fato de que, como afirma Vigotski (2004), a ciência assimilou muito bem o conceito de vida, mas não conseguiu explicar, minuciosamente, o de morte. O autor sustenta tal ponto de vista ao propor que:

A morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência da vida, em suma, como o não-ser. Mas a morte é um fato que tem também seu significado positivo, é um aspecto particular do ser e não só do não-ser; é um certo algo e não o completo nada (ibidem, p. 266).

Por fim, destacamos que, para muitas pessoas, pesquisar e estudar a temática da morte soa como algo inusitado, para não dizer absurdo e, literalmente, mórbido. Surgem olhares e expressões de desaprovação, repulsa e até resistência. Contudo, compreender

a morte e o morrer é também falar e refletir melhor sobre a vida e o viver. Segundo Ariès (2014, p. 397), “não é, pois, no momento da morte nem na proximidade da morte que se torna necessário pensar nela. É durante toda a vida”. E, na linha de tal argumento, Paiva (2011, p. 29) questiona:

Qual é o espaço da morte em nossa vida? Existe um espaço específico para a morte? Quem é o responsável para trabalhar com a morte? Existe algum preparo para enfrentá-la?

Particularmente, acredito que a morte está na vida, em todos os lugares, a qualquer momento, enquanto realidade ou possibilidade, ou lembrança, ou manifestação de perdas, ou ausência, ou... ou... ou....

Portanto, ainda que essa seja uma tese cuja temática envolva a morte e os mortos, é para nós, vivos, a quem ela é destinada, pois compreender a morte é falar sobre a vida que pulsa em nós. “A morte é apenas um meio de viver melhor” (ARIÈS, 2014, p. 399). Ou, como observou o escritor Rubem Alves (1991), a morte nos convida à sabedoria de viver, pois ela nos leva a refletir sobre o que estamos fazendo com a nossa própria vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perdas, mortes e lutos são processos inerentes à vida. Apesar da consciência humana sobre a finitude, sua inexorabilidade e irrevogabilidade, a morte é um evento que geralmente desperta tristeza, dor, sofrimento, bem como suscita sentimentos de medo, desespero e estranhamento, por ser um fenômeno desconhecido. Para compreender a morte, é preciso levar em conta questões individuais, mas também a organização social como um todo, seus aspectos históricos, culturais e econômicos.

Vale reforçar que o presente estudo teve por finalidade discutir as transformações da relação do ser humano com a morte na sociedade Ocidental. Destacamos que, se na Idade Média, o morrer era uma cerimônia pública e as manifestações de pesar eram compartilhadas, a Idade Moderna caracterizou-se pela interdição da morte e do luto. Dessa forma, o cuidado dos doentes foi terceirizado para profissionais de saúde, o morrer foi transferido para hospitais e o trato do morto foi delegado às empresas funerárias.

A pandemia do novo coronavírus provocou uma intensificação desses fenômenos já que a Covid-19 tende a ocasionar mortes mais abruptas, de maneira isolada e solitária, ou seja, a pandemia impôs uma modalidade de morte nunca antes vista – totalmente interdita. Desse modo, abordamos aspectos relacionados à morte repentina já que, em muitos casos, a evolução da doença, complicações no estado de saúde e óbito se dão em um curto tempo, à morte isolada e solitária em leitos de UTIs, com procedimentos complexos, sem a possibilidade de visita de familiares, com sofrimentos aflorados. Isso quando há vaga disponível em UTI, do contrário, a morte se dá na própria casa, nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), em pronto socorros, leitos de enfermaria ou em qualquer espaço vago dos hospitais e unidades de saúde.

Além dessas questões, expomos a morte enquanto uma possibilidade para todos, e não apenas para os grupos de maiores risco, ou seja, aqueles com comorbidades crônicas pré-existentes, como diabetes, hipertensão, problemas cardiovasculares e ainda os idosos⁴⁵. Temos a falsa sensação de poder e controle sobre a morte. No entanto, o

⁴⁵ Entretanto, entre fevereiro e junho de 2021, o número de jovens internados em UTIs e as mortes por Covid-19 nessa faixa etária cresceram exponencialmente, demonstrando a vulnerabilidade de todos os brasileiros. De acordo com dados do portal da transparência da Associação Nacional de Registradores de Pessoas Naturais (Arpen Brasil), pela primeira vez desde o início da pandemia, entre os dias 30 de maio de 2021 e 5 de junho deste mesmo ano, no Brasil, o índice de pessoas com menos de 60 anos mortas vítimas da Covid-19 atingiu 53,6%, superando a de idosos (MADEIRO, 2021).

novo coronavírus e a doença decorrente dele expõem a nossa falta de controle com relação à morte. Algo semelhante ocorreu no início do século passado com a gripe espanhola, conforme lembranças da infância do escritor Nelson Rodrigues:

[...] a [gripe] espanhola não fazia nenhuma concessão à vaidade dos mortos. E o apavorante eram a solidão, o abandono e, sobretudo, a humilhação do cadáver. Morrer na cama era um privilégio abusivo e aristocrático. O sujeito morria nos lugares mais impróprios [...] O sujeito morria sem vela. Ninguém se lembraria de fazer uma missa de sétimo dia. O brasileiro é um homem de fé. Conheço patrícios que têm, ao mesmo tempo, três, quatro religiões. Pois, na espanhola, ninguém acreditava em nada. O sujeito mal tinha tempo de morrer. E eu cada vez entendia menos aqueles enterros fulminantes, sem dourados, sem cavalos, sem penachos (RODRIGUES, 1993, p. 55).

Ainda que a finitude seja uma verdade universal e uma certeza, defendemos um morrer com dignidade. E, a Covid -19 nem sempre possibilita uma morte digna, nem para o morto nem para a família, ela tira a pessoalidade da morte e do luto pela banalização do morrer. A pandemia estabeleceu novas formas de relação, novos comportamentos, hábitos e costumes com o propósito de evitar ainda mais a disseminação do vírus e a ocorrência de mortes coletivas. Dentre as medidas de segurança adotadas para evitar a proliferação do vírus e o risco de contágio foi a suspensão dos rituais funerários – os velórios, como mencionamos.

Discutimos ainda sobre a importância dos rituais de despedida enquanto espaço de materialização, concretização e simbolização da morte bem como os efeitos da ausência dessas cerimônias no processo de elaboração do luto, as alternativas possíveis diante de todos os impeditivos. Outro fator importante no processo do luto é a rede social de apoio. Entretanto, uma das recomendações das organizações de saúde é a prática de isolamento e distanciamento social. Dessa forma, a presença física de familiares e amigos no suporte aos enlutados torna-se comprometida, havendo a necessidade de encontrar estratégias para se fazer presente, mesmo que distante, e ofertar apoio.

Estabelecemos articulações entre o conceito de desmentido e a pandemia no Brasil, ou seja, o não reconhecimento e desautorização do luto e sofrimento decorrentes das perdas, o descaso e o negacionismo, presentes nos discursos e nas ações de lideranças brasileiras e que contribuem para o potencial traumatogênico, tornando a experiência do luto ainda mais complexa. Esses fatores se afiguram como a marca distintiva de uma mentalidade que julgamos própria do contexto pandêmico do país, a qual, vale relembrar, chamamos de “morte desmentida” e se caracteriza,

fundamentalmente, pelo não reconhecimento do sofrimento associado às perdas causadas pela doença em questão. Além disso, podemos considerá-la uma espécie de variação da morte escancarada anteriormente descrita no país, a qual, como mencionado no segundo capítulo, é capaz de invadir a vida das pessoas a qualquer hora.

Diante desse cenário caótico, permeado por medo, insegurança, desesperança, instabilidade, ansiedade, desamparo, mudanças na rotina, distanciamento social, temor da própria morte e medo de colocar nossos familiares em perigo, com milhares de mortes, famílias perdendo seus entes queridos, vemos a urgência de uma educação que contemple as reflexões sobre a morte e o morrer enquanto fenômenos naturais e inerentes à existência. Ao longo de nossa vida, somos educados, na maioria das circunstâncias, para vencer. Por isso, é fundamental uma educação para a morte e para o luto, principalmente nesse contexto cuja morte é uma realidade constante. De modo complementar, consideramos a importância de abordar essa temática com as crianças já que, em certas ocasiões, elas são banidas dos assuntos relativos à finitude. E, na atual conjuntura, com milhares de mortes no Brasil e no mundo, crianças perderam pessoas próximas: avôs, avós, pai, mãe, tios, tias, cuidadores, professores e professoras, e outras pessoas queridas. Frente a isso, consideramos essencial a escuta, o acolhimento, a comunicação e o diálogo.

A partir dessas análises, consideramos substancial o reconhecimento de todas as perdas por nós vivenciadas e os efeitos no processo de subjetivação para que possamos encontrar estratégias para lidar as transformações. Provavelmente, o mundo da maneira como o concebíamos não permanecerá igual. Na pandemia, perdemos pessoas e um pouco de nós mesmos.

Estamos imersos ainda em uma realidade atípica, sem o distanciamento temporal necessário para uma análise menos “infectada”. Além disso, nesta tese a opção por um “sobrevoo” desde diferentes ângulos quanto ao tema em pauta inviabilizou uma discussão mais aprofundada acerca de uma série de tópicos. Pesquisas futuras poderão retomá-los e explorá-los mais detalhadamente, se ocupando, por exemplo, da investigação empírica da evolução do processo de luto de órfãos da Covid-19 no país, especialmente naqueles casos em que o óbito se encontra mais diretamente associado

à violações do direito constitucional à saúde que constitui um dever do Estado desde o advento da Constituição brasileira de 1988.

REFERÊNCIAS

33 GIGA. Aplicativo visa permitir que usuários “conversem” com parentes mortos. **33**

Giga: tecnologia para pessoas, 04 set. 2020. Disponível em:

<<https://33giga.com.br/aplicativo-permite-que-usuarios-conversem-com-parentes-mortos/>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

ABERASTURY, A. **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Porto Alegre: Artmed, 1984.

ADICHIE, C. N. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ADISSI, J. **Quem quer comprar um túmulo?:** as lições de negócios do mais destacado empresário do segmento funerário do Brasil. São Paulo: Matrix Editora, 2017.

ALBUQUERQUE, A. Viver e morrer no Orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço. **Intertexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 1-17, jul./dez. 2007.

ALCANTARA, E. R. A. *et al.* Treinamento para comunicação de óbito durante a pandemia COVID-19. **Revista Qualidade HC**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 215-224, 2020. Disponível em:
<<https://www.hcrp.usp.br/revistaqualidade/uploads/Artigos/256/256.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2022.

ALEGRETTI, L. Covid: testes insuficientes e desorganizados deixam Brasil no escuro para controlar a pandemia. **BBC News Brasil**, 20 maio. 2021. Disponível em:
<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57163793>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

ALVES, J. L. M. A mistanásia no contexto do COVID-19: da crise sanitária à crise humanitária. **13º Seminário Internacional – Democracia e Constitucionalismo**, Universidade do Vale do Itajaí, v. 7, n. 1, 2020.

ALVES, R. A morte como conselheira. In: CASSORLA, R. M. S. (Coord.). **Da morte**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

AMORIM, L. S. **A influência da tecnologia na concepção de morte**. 2020. 96f. Dissertação (Mestrado em Bioética) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

ANDRADE, C. D. O homem e o remédio: qual o problema? **Jornal do Brasil**, 26 jul. 1980.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Referência Técnica para o Funcionamento de Estabelecimentos Funerários e Congêneres**. Brasília-DF: ANVISA, 2009.

APUB. Negacionista, governo fez o Brasil se tornar um mau exemplo no combate à pandemia. **APUB Sindicato**, 10 mai. 2022. Disponível em: <http://apub.org.br/negacionista-governo-fez-o-brasil-se-tornar-um-mau-exemplo-no-combate-a-pandemia/>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

AQUINO, E. M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, jun. 2020.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2009.

ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ARBEX, D. **Todo dia a mesma noite**: a história não contada da boate Kiss. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

_____. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos tempos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ARREGUY, M. E.; FONTES, F. F. Ferenczi e a educação: desconstruindo a violência desmentida. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 2, p. 246-261, 2019.

BARBOSA, M. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.

BARCELLOS, J. O neoviralismo como discurso de governo (por Jorge Barcellos). **Sul 21**, 14 maio 2020. Disponível em: <<https://sul21.com.br/opinia0/2020/05/o-neoviralismo-como-discurso-de-governo-por-jorge-barcellos/>>. Acesso em: 2 jul. 2022.

BAUDRILLARD, J. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

BAUER, J. **O anjo da guarda do vovô**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAYARD, J. P. **Sentido oculto dos ritos mortuários**: Morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

BBC NEWS BRASIL. “País de maricas” e outras 15 falas controversas de Bolsonaro sobre a pandemia. **BBC News Brasil**, 11 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54911845>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BIERNATH, A. **Existem 350 corpos congelados para serem ressuscitados no futuro**. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/blog/tunel-do-tempo/existem-350-corpos-congelados-para-serem-ressuscitados-no-futuro/>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus**: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BOCCHI, A. F. A. Versões do luto para um mundo pandêmico: o luto impedido no horizonte de uma perda seca. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 63, p. 1-13, e021030, 2021.

BOELEN, P. A.; PRIGERSON, H. G. The influence of symptoms of prolonged grief disorder, depression, and anxiety on quality of life among bereaved adults: a prospective study. **European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience**, v. 257, n. 8, p. 444-452, 2007.

BOERNER, K.; SCHULZ, R. Caregiving, bereavement and complicated grief. **Bereavement Care**, v. 28, n. 3, p. 10-13, 2009.

_____.; MANCINI, A. D.; BONANNO, G. On the nature and prevalence of uncomplicated and complicated patterns of grief. In: STROEBE, M.; SCHUT, H.; BOUT, J. V. D.

Complicated grief: Scientific foundations for health care professionals. Nova York: Routledge, 2013. p. 55-67.

BOTEGA, N. J. Tentativa de suicídio pode não buscar morte, mas mensagem, diz psiquiatra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 abr. 2017. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1877561-tentativa-de-suicidio-as-vezes-busca-mensagem-e-nao-morte-diz-psiquiatra.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2021.

BOUCHARD, H. **Harvey:** como me tornei invisível. São Paulo: Pulo do gato, 2013.

BOWLBY, J. **Apego:** a natureza do vínculo. V. 1, Trilogia Apego e Perda. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 5. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2015.

_____. **Perda:** tristeza e depressão. V. 3, Trilogia Apego e Perda. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

BRANCO, S. **O dia em que a morte quase morreu.** Brasília: Salesiana, 2006.

BRASIL. **Decreto-lei nº 229, de 28 de fevereiro de 1967.** Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 1967.

_____. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.** Institui o Código Civil. Brasília, DF: Casa Civil, 2002.

_____. Ministério da Saúde. **Atendimento e fatores de risco.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/atendimento-tratamento-e-fatores-de-risco>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

BRASILEIRO, P. **Tendências do ramo funerário estão atentas aos vivos.** Disponível em: <<https://www.leiaja.com/cultura/2019/11/02/tendencias-do-ramo-funerario-estao-atentas-aos-vivos/>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BRAZ, M. S.; FRANCO, M. H. P. Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n.1, p. 90-105, jan./mar. 2017.

BRENMAN, I. **Meu filho pato**: E mais contos sobre aquilo que ninguém quer falar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

_____.; STRECKER, H. **Silêncio**: doze histórias universais sobre a morte. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

BROMBERG, M. H. P. F. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000.

BRUM, E. **Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês**. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>>. Acesso em: 29 set. 2020.

BUARQUE, C. Funeral de um lavrador. In: BUARQUE, C. **Chico Buarque de Hollanda – Volume 3**. 1968. LP, Lado B, Faixa 11.

BUTLER, J. **Undoing Gender**. Nova York; Londres: Routledge, 2004.

_____. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. Judith Butler: O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. [Entrevista cedida a] George Yancy. Tradução de César Locatelli. **Carta Maior**, 4 maio 2020. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CALI, D. **Fico à espera**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

CALLIA, M. H. P. Apresentação a morte. In: OLIVEIRA, M. F.; CALLIA, M. H. P. (Orgs.). **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 7-16.

CAMPOS, E. B. V. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 12, n.1, p. 13-24, 2013.

CARDOSO, E. A. O. *et al.* Luto complicado na pandemia: fatores complicadores e protetores. In: OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. *et al.* **Lutos na pandemia: conhecer, compreender e atuar.** Ribeirão Preto, SP: Ed. dos Autores, 2021, p. 83-100.

CARMACK, B. J.; PACKMAN, W. Pet loss: the interface of continuing bonds research and practice. In: NEIMEYER, R. A. *et al.* (Orgs.). **Grief and bereavement in contemporary society: bridging research and practice.** Nova York: Routledge, 2011, p. 273-284.

CARVALHO, L. I.; STEINBERG, B. W. **Cadê meu avô?** São Paulo: Editora Biruta, 2014.

CASELLATO, G. (Org.). **Luto por perdas não legitimadas na atualidade.** São Paulo: Summus, 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTIEL, L. D. In: BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CERVENY, C. M. O. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CHAGAS, J. **A morte e suas representações.** Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

CHIAVENATO, J. J. **A morte: uma abordagem sociocultural.** São Paulo: Moderna, 1998.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006.

CONTORNANDO a morte. Direção: Pailin Wedel. Produção: Nina Ijäs e Pailin Wedel. Tailândia: 2050 Productions, Netflix, 2019.

CORREA, M. R. **Ensaio sobre a relação do homem com a morte.** 2011. 141 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 2011.

CORTEZ, H. **Coração nunca se esquece.** São Paulo: Paulinas, 2021.

CREPALDI, M. A. *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, e200090, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?lang=pt>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

CRISPIM, D. *et al.* **Comunicação difícil e COVID-19**: Recomendações práticas para comunicação e acolhimento em diferentes cenários da pandemia. [s.l.], s.n, 2020. 31p. Disponível em: <<https://ammg.org.br/wp-content/uploads/comunica%C3%A7%C3%A3o-COVID-19.pdf.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CURY, A. C. Indústria da morte: aplicativos permitem conversar com quem já morreu. **R7**, 09 fev. 2021. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/prisma/refletindo-sobre-a-noticia-por-ana-carolina-cury/industria-da-morte-aplicativos-permitem-conversar-com-quem-ja-morreu-09022021>>. Acesso em: 22 set. 2021.

CYMBALISTA, R. Territórios de cidade, territórios de morte: urbanização e atitudes fúnebres na América Portuguesa. In: OLIVEIRA, M. F.; CALLIA, M. H. P. (Orgs.). **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 93-125.

DADALTO, L.; TUPINAMBÁS, U.; GRECO, D. B. Diretivas antecipadas de vontade: um modelo Brasileiro. **Rev. Bioét. (Impr.)**, v. 21, n. 3, p. 463-76, 2013.

D’ALESSANDRO, M. P. S. *et al.* Aspectos gerais do luto e peculiaridades no contexto da pandemia de COVID-19. In: D’ALESSANDRO, M. P. S. *et al.* **Manual de cuidados paliativos**. São Paulo: Hospital Sírio-Libanês; Ministério da Saúde. 2020 p. 75-80.

DALTON, L. *et al.* Communicating with children about life-threatening conditions. **The Lancet**, v. 393, p. 1164-1176, 2019.

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E.O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEGENSZAJN, R. R.; PAZ, R. D. O.; WANDERLEY, M. B. Por que precisamos falar de desigualdade? **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 141, p. 157-163, maio/ago. 2021.

DEVINE, M. **Tudo bem não estar tudo bem**. Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

DINIZ D., CARINO, G. A necropolítica das epidemias. **El País**, 9 mar. 2020. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/opinion/2020-03-09/a-necropolitica-das-epidemias.html> >. Acesso em: 10 jun. 2022.

DIÓGENES, J.; TOLEDO, L. F. Busca por centro de prevenção ao suicídio cresce 445% após série. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 11 abr. 2017. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,busca-por-centro-de-prevencao-ao-suicidio-cresce-445-apos-serie-da-netflix,70001734246>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

DIONISIO, G. H. Catástrofe e luto, trauma e arte: imagens da pandemia. **Revista Espaço Acadêmico**, ed. especial, Maringá, ano XX, fev./2021, p. 39-49.

DODD, A. *et al.* Complicated grief knowledge, attitudes, skills, and training among mental health professionals: a qualitative exploration. **Death Studies**, p. 1-12, 2020.

DOKA, K. J. **Disenfranchised grief**: recognizing, hidden, sorrow. New York: Lexington Books, 1989.

_____. How could God? Loss and the spiritual assumptive world. In: KAUFFMAN, J. **Loss of assumptive world**: a theory of traumatic loss. New York: Routledge, 2002a.

_____. **Disenfranchised grief**: new directions, challenges and strategies for practice. Illinois: Research Press, 2002b.

_____. Disenfranchised grief in historical and cultural perspective. In: STROEBE, M. *et al.* **Handbook of bereavement research and practice**: advances in theory and intervention. Washington: American Psychological Association, 2008. p. 223-240.

DUARTE, A. M.; CÉSAR, M. R. A. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 1-22, 2020.

EISMA, M. C.; TAMMINGA, A. Grief before and during the COVID-19 pandemic: multiple group comparisons. **Journal of Pain Symptom Management**, v. 60, n.1, p. e1-e4, 2020.

_____.; SMID, G. E.; BOELEN, P. A. Acute grief after deaths due to COVID-19, natural causes and unnatural causes: an empirical comparison. **Journal of Affective Disorders**, v. 278, p. 54-56, 2021.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de, “Envelhecer e morrer”**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ERLBRUCH, W. **O pato, a morte e a tulipa**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

FEIFEL, H. **New meanings of death**. New York: McGraw-Hill, 1977.

FERENCZI, S. Análises de crianças com adultos. In: FERENCZI, S. **Obras Completas: Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 69-83. (Trabalho original publicado em 1933).

_____. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, S. **Obras Completas: Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106. (Trabalho original publicado em 1933).

FERRAZ, M. C. F. Volto já (*Be right back*), de *Black Mirror*: tecnologias, finitude e a arte de saber terminar. **Galaxia**, São Paulo, n. 41, p. 62-74, maio/ago. 2019.

FERREIRA, S. A mistanásia como prática usual dos governos. **Jornal do Cremerj [Internet]**, Coluna do conselheiro, n. 324, mar./abr. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2YHYhC2>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

_____.; PORTO, D. Mistanásia X Qualidade de vida. **Revista Bioética (Impr.)**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 191-195, abr./jun. 2019.

FERREIRA JUNIOR, A.; PEREIRA, M. E. cuidados na divulgação da morte por suicídio e por homicídio: uma perspectiva crítica. In: FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018, p. 257-268.

FEUER, W. South America is a ‘new epicenter’ of the coronavirus pandemic, WHO says. **CNBC**, 22 may 2020. Disponível em: <<https://www.cnbc.com/2020/05/22/south->

[america-is-a-new-epicenter-of-the-coronavirus-pandemic-who-says.html](#)>. Acesso em: 10 set. 2021.

FLACH, K. *et al.* O luto antecipatório na unidade de terapia intensiva pediátrica: relato de experiência. **Revista da SBPH**, v. 15, n.1, jun. 2012.

FONSECA, J. P. **Luto Antecipatório**: as experiências pessoais, familiares e sociais diante de uma morte anunciada. Campinas, SP: Ed Livro Pleno, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

FRANCO, M. H. P. **Conversa com Bial**. São Paulo: Rede Globo, 9 jul. 2019. Programa de TV. Entrevista a Pedro Bial. 27min58s. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7752847/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

_____. Estamos vivendo um novo luto? Entrevistadora: Ana Cláudia Peres. **Radis**, Rio de Janeiro, 29 jun. 2020. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/estamos-vivendo-um-novo-luto>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

_____. O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.

FREIRE, M. C. B. **O som do silêncio**: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto. Natal: EDUFRN, 2006.

FREITAS NETO, J. A. **O México e a festa dos mortos**. 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/o-mexico-e-festa-dos-mortos>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

FREUD, S. A transitoriedade. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 247-252. (Trabalho original publicado em 1916).

_____. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Tradução de Paulo César

de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 209-246. (Trabalho original publicado em 1915).

_____. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

_____. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 7-69. (Trabalho original publicado em 1921).

_____. **Inibição, sintoma e medo**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

FRIZERO, R. **Por que Elvis não latiu?** Porto Alegre: BesouroBox, 2010.

FUKUMITSU, K. O. **Perdas no desenvolvimento humano: um estudo fenomenológico**. 2. ed. São Paulo: Digital Publish & Print, 2011.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Ritual do Kuarup no Parque do Xingu reúne povos indígenas em homenagem a seus ancestrais**. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2019/rituais-do-kuarup-no-parque-do-xingu-reune-povos-indigenas-em-homenagem-a-seus-ancestrais>>. Acesso em: 20 maio. 2021.

GAMBINI, R. A morte como companheira. In: OLIVEIRA, M. F.; CALLIA, M. H. P. (Orgs.). **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 135-146.

GARCIA, J. T. (In)finitudes: o luto antecipatório na pandemia de COVID-19. In: OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. *et al.* **Lutos na pandemia: conhecer, compreender e atuar**. Ribeirão Preto, SP: Ed. dos Autores, 2021, p. 59-82.

GAWANDE, A. **Mortais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

GIACOIA JUNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. **Revista Medicina**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 13-19, 2005.

GONÇALVES, A. C. Rituais tradicionais de solidariedade. Religião e tensões entre finitude e infinitude. In: RAMOS, L. A. O.; RIBEIRO, J. M.; POLÓNIA, A. (Coord.), **Estudos em homenagem a João Francisco Marques**. Porto, Faculdade de Letras da

Universidade do Porto, v. 2, 2001, p. 9-17. Disponível em:

<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2855.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2021.

GONÇALVES, G. A.; ROCHA, G. M. Um acontecimento traumático. In: MOREIRA, J. O. (Org.). **Luto e morte em tempos de pandemia: reflexões a partir da psicologia**. Belo Horizonte: EduUEMG, 2021. p. 165-175.

GONDAR, J. Ferenczi como pensador político. **Cad. Psicanál. – CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 193-210, jul./dez. 2012.

_____. **Brasil e o Estado de emergência**. Youtube, 8 out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MIN6K6c12eQ>>. Acesso em: 9 out. 2021.

GORER, G. **Death, Grief and Mourning in Contemporary Britain**. Nova Iorque: Double-day, 1965.

GOUJARD, C. Os jovens que estão revolucionando o mercado dos funerais. **BBC Worklife**, 27 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-50921114>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 101-142, 2005.

GRANZOTTO, R. Suicídio, tempo de prevenção, tema de muitas profissões. **Conselho Federal de Psicologia**, 13 set. 2018. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/suicidio-prevencao-transdisciplinar/>> Acesso em: 14 dez. 2021.

GROLLMAN, E. A. **Falar sobre a morte**. Boston: Beacon Press, 1990.

HARRIS, D. Healing the narcissistic injury of death in the contexto of western Society. In: KAUFFMAN, J. (Org.). **The shame of death, grief, and trauma**. Nova York: Routledge, 2010, p. 75-86.

HAZEN, M. A. Recognizing and responding to workplace grief. **Organizational dynamics**, v. 38, n. 4, p. 290-296, 2009.

HEEGAARD, M. **Quando alguém muito especial morre**: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HILLIS, S. D. *et al.* Global minimum estimates of children affected by COVID-19-associated orphanhood and deaths of caregivers: a modelling study. **The Lancet**, v. 398, n. 10298, p. 391-302, 20 jul. 2021.

HOLLAND, J. *et al.* The underlying structure of grief: a taxometric investigation of prolonged and normal reactions to loss. **Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment**, v. 31, p. 190-201, 2009.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HOWARTH, G. **Death & dying: a sociological introduction**. Cambridge: Polity, 2007.

HUANG, C. *et al.* Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **The Lancet**, v. 395, n. 10223, p. 497-506, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tábuas Completas de Mortalidade 2019**. 2020a. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9126-tabuas-completas-de-mortalidade.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2019, a expectativa de vida era de 76,6 anos**. 2020b. Disponível em:

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

IMBER-BLACK, E. Rituals and the healing process. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). **Living beyond loss: death in the family**. New York: Norton, 1991, p. 207-223. [Ed. bras.: Os rituais e o processo de elaboração. In: **Morte na família: sobrevivendo às perdas**. Tradução de Cláudia Oliveira Dornelles. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-245.

JAMARIN, M. F. M. **Significados do toque para o fisioterapeuta que atua em ambiente hospitalar**. 2016. 109f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem (FENf), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2016.

JEFFERS, O. **O coração e a garrafa**. São Paulo: Salamandra, 2019.

JESUS, W. Órfãos pela covid-19 demandam políticas de assistência a crianças e adolescentes. **Jornal da USP**, 2 dez. 2021. Disponível em:

<<https://jornal.usp.br/atualidades/orfaos-pela-covid-19-demandam-politicas-de-assistencia-a-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

JUCÁ, B. “O coronavírus está quebrando a nossa crença”, o luto imposto aos povos indígenas na pandemia. **El país**, Brasil, São Paulo, 11, julho, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-11/o-coronavirus-esta-quebrando-a-nossa-crenca-o-luto-imposto-aos-povos-indigenas-na-pandemia.html>>. Acesso em: 20 maio 2021.

KASTENBAUM, R.; AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo: Novos Ubrais, 1983.

KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. Tortura e sintoma social. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (Org.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132.

_____. Melancolia e criação. In: FREUD, S. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

KOURY, M. G. P. **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

_____. Educação para a morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

_____. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

_____. Morte com dignidade. In: FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018, p. 29-48.

- KOVÁCS, M. J. **Luto e pandemia: repercussões clínicas**. Youtube, 23 abr. 2021
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3Vi4B42Zp_A>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e a seus próprios parentes**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017. (Original publicado em 1969).
- LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- LEPARGNEUR, H. Força e fraqueza dos princípios da bioética. **Bioética**, v. 4, n. 2, p. 131-143, jul./dez. 1996.
- LI, S. *et al.* The Impact of COVID-19 Epidemic Declaration on Psychological Consequences: A Study on Active Weibo Users. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 17, n. 6, mar, 2020.
- LIMA, V. R.; KOVÁCS, M. J. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, Conselho Federal de Psicologia, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011.
- LINDEMANN, E. Symptomatology and management of acute grief. **The American Journal of Psychiatry**, v. 101, n. 2, p. 141-148, 1944.
- LINO, C. A. *et al.* Uso do protocolo Spikes no ensino de habilidades em transmissão de más notícias. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 52-57, 2011.
- LISBOA, D. **Apps para interagir com quem se foi realçam tabu da morte, diz especialista**. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/30/app-eterniza-legado-e-promete-chamada-de-video-com-versao-virtual-do-morto.htm>>. Acesso em: 17 set. 2021.
- LLENAS, A. **Vazio**. São Paulo: Moderna, 2018.
- LUGONES, P. **O passeio**. Blumenau, SC: Editora Gato Leitor, 2017.
- LUZ, R. **Luto é outra palavra para falar de amor: cinco formas de honrar a vida de quem vai e de quem fica após uma perda**. São Paulo: Ágora, 2021.

MACIEL JR., A.; BARBOSA, M. T.; CARVALHO, M. S. A língua menor da ternura: “Confusão de língua” e bilinguismo em Psicanálise. In: MACIEL JR., A. (Org.). **Trauma e ternura: a ética em Sándor Ferenczi**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018, p. 192-210.

MADEIRO, C. Covid: morte de pessoas abaixo de 60 anos superam as de idosos pela 1ª vez. **Uol**, Maceió, 06 jun. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/06/09/covid-mortes-de-pessoas-abaixo-de-60-anos-superam-as-de-idosos-pela-1-vez.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MARASCIULO, M. Cresce nº de brasileiros que registram últimos desejos em caso de doença. **TAB Uol**, 3. fev. 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/02/03/cresce-n-de-brasileiros-que-registram-ultimos-desejos-em-caso-de-doenca.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MARCÍLIO, M. L. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, J. S. (Org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983, p. 61-75.

MARRAS, C. M. O. **Vivências do luto no ambiente de trabalho por profissionais da região metropolitana de São Paulo**. 2016.127f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARTINS, E. Como funciona a indústria da cremação e por que ela prospera no mundo todo. **Época**, 6. dez. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/como-funciona-industria-da-cremacao-por-que-ela-prospera-no-mundo-todo-23280680>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

MARTINS, I, M. **Para onde vamos quando desaparecemos?** São Paulo: Tordesilhinhas, 2015.

MARTINS, J. S. Introdução. In: MARTINS, J. S. (Org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

_____. Anotações do meu caderno de campo sobre a cultura funerária no Brasil. In: OLIVEIRA, M. F.; CALLIA, M. H. P. (Orgs.) **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 73-91.

MARTINS, M.; LIMA, P. V. A. Contribuições da Gestalt-Terapia para os enfrentamentos das perdas e da morte. **Revista IGT na Rede**, v. 11, n. 20, 2014, p. 3 - 39.

MASCARO, A. L. **Crise e pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

MASON, T. M. *et al.* Complicated grief: risk factors, protective factors, and interventions. **Journal of Social Work I End-of-Life & Palliative Care**, v. 16, n. 2, p. 151-174, 2020.

MATSUMOTO, D. Y. Cuidados paliativos: conceito, fundamentos e princípios. In: ANCP. **Manual de Cuidados Paliativos**. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2009, p. 14-19.

MATTOS, H. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MAZORRA, L.; TINOCO, V. **O dia em que o passarinho não cantou**. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2018.

MEBS, G. **Íris**: Uma despedida. São Paulo: Pulo do Gato, 2013.

MENEZES, R. A. Tecnologia e “Morte Natural”: o Morrer na Contemporaneidade. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 129-147, 2003.

_____.; GOMES, E. C. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 54, n. 1, p. 89-131, 2011.

MÉTRAUX, J. C. **Lutos coletivos e criação social**. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

MIRANDA, D. Doulas da morte dão apoio emocional no fim da vida, no enterro e também no luto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2019/01/doulas-da-morte-dao-apoio-emocional-no-fim-da-vida-no-enterro-e-no-luto.shtml?fbclid=IwAR0DcOsfxEGkGQ990JzaiQIPKRHudRQfF6ZPIMMKM4vn0wJwOsIjWMLHxmOU>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

MONTEMURRO, N. The emotional impact of COVID-19: from medical staff to common people. **Brain Behav Immun**. 2020.

MORAIS, A. **A educação para a morte no hospital como estratégia de humanização em saúde**: o olhar de profissionais da UTI neonatal. 2017. 169f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Irati, 2017.

MOREIRA, J. O.; SILVA, A. C. D.; SILVA, T. M. P. Do luto privado ao luto público: desafios do luto em massa pela COVID-19. In: MOREIRA, J. O. (Org.). **Luto e morte em tempos de pandemia: reflexões a partir da psicologia**. Belo Horizonte: EduUEMG, 2021. p. 47-65.

MOREL-JAYLE, F. **Gestion psychique Du chômage**: le deuil d'une relation exclusive au travail. Tese de Psicologia, Universidade Lumière-Lyon 2, 2000.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Tradução de Cleone Augusto Rodrigues. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

MOTA, R. QR code em lápide direciona visitantes a memorial virtual do falecido. **Olhar digital**, 21 out. 2020. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2020/10/21/noticias/qr-code-em-lapide-direciona-visitantes-a-memorial-virtual-do-falecido/>>. Acesso em: 22 set. 2021.

MOURA, C. M. **Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte**. 2006. 188f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006.

MUNDY, M. **O que acontece quando alguém morre?** Um guia para as crianças lidarem com a morte e os funerais. São Paulo: Paulus, 2011.

MUNDY, L. **É triste quando alguém morre**. São Paulo: Paulus, 2014.

NANCY, J. L. Do neoliberalismo ao neoviralismo. Disponível em: <<https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/Do-neoliberalismo-ao-neoviralismo.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2022.

NAVARRO, J. H. N. *et al.* Necropolítica da pandemia pela COVID-19 no Brasil: quem pode morrer? Quem está morrendo? Quem já nasceu para ser deixado morrer?, **SciELO Preprint**, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/901/1262>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NEGRINI, M. **A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro**. 2010. 248 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

_____.; AUGUSTI, A. R. **O legado de Guy Debord: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra**. 2013. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2021.

NEIMEYER, R. A.; LEE, S. A. Circumstances of the death and associated risk factors for severity and impairment of COVID-19 grief. **Death Studies**, v. 46, n. 1, p. 34-42, 21 mai. 2021.

NEUFELD, C. B.; REIS, A. H. **O vovô não vai voltar?** Trabalhando o luto com crianças. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

NIEDERKROTENTHALER, T. *et al.* Association of increased youth suicides in the United States with the release of 13 Reasons Why. **JAMA Psychiatry**, v. 76, n. 9, p. 933-940, 2019.

NUCCI, N. A. G. Educar para a morte: cuidar da vida. In: FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018, p. 62-74.

OATES, M. Understanding the grief process: A first step to helping bereaved clients. **TCA Journal**, v. 31, n. 1, p. 29-33, 2003.

OLHAR DIGITAL. App permite falar e até tirar selfie com quem já morreu. **Olhar digital**, 02 mar. 2017. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2017/03/02/noticias/app-permite-falar-e-ate-tirar-selfie-com-quem-ja-morreu/>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

OLIVEIRA, A. Q. *et al.* Rituais de luto e sua função reconstrutora em desastres. In: FRANCO, M. H. P. (org). **A intervenção psicológica em emergências: Fundamentos para a prática**. São Paulo: Summus, 2015, p. 229-257.

OLIVEIRA, E. Invisíveis, órfãos da covid-19 encaram a pandemia da dor e do desamparo. **El país Brasil**, 24 out. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-24/invisiveis-orfaos-da-covid-19-encaram-a-dor-e-o-desamparo-tentamos-seguir-a-nossa-vida.html>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

OLIVEIRA, E. C. N. O psicólogo na UTI: reflexões sobre a saúde, vida e morte nossa de cada dia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 2, p. 30-41, 2002.

OLIVEIRA, L. L. A prestação de contas com a morte: um olhar sobre os testamentos e inventários post-mortem (nordeste paulista, séculos XVIII e XIX). **Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 25, n. 2 [34], p. 105-122, jul./dez. 2017.

OLIVEIRA, T. F. R. **Patologização do luto**: uma análise genealógica do DSM. 2019. 143f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio**: um manual para profissionais da mídia. Genebra: OMS, 2000. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa – COVID-19** (doença causada pelo novo coronavírus). OPAS/OMS, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

PAIVA, L. E. **A arte de falar da morte para crianças**. Aparecida, São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2011.

PARKES, C. M. Psycho-social transition: a field of study. **Social Science and Medicine**, v. 5, p. 101-115, 1971.

_____. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. 3. ed. Tradução de Maria Helena P. Franco. São Paulo: Summus, 1998.

_____. **Amor e Perda**: as raízes do luto e suas complicações. Tradução de Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2009.

PARR, T. **O livro do adeus**. São Paulo: Panda Books, 2017.

PAULA, B.; SOUZA, L. A. O tabu da morte na modernidade: a COVID-19 como um reforço ao interdito. **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 165-176, jul./dez. 2020.

- PENARIOL, M. P.; FLORES, D. M. M. S. A pandemia e a necessidade de falar sobre morte com as crianças. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 20, n. 1, p. 32-47, 2021a. _____ . Conversas sobre a morte com crianças em tempos de pandemia. In: MATTIOLI, O. C.; ARAÚJO, M. F. (Org.). **Reflexões sobre a COVID-19**. Curitiba: CRV, 2021b. p. 87-96.
- PENARIOL, M. P.; HASHIMOTO, F. Sujeito, trabalho e as consequências psicossociais da ruptura dessa relação. **Revista Laborativa**, v. 6, n. 1 (especial), p. 106-124, abr./2017.
- PENARIOL *et al.* A formação de profissionais de saúde e o atendimento de pacientes em período de pandemia. In: MATTIOLI, O. C.; ARAÚJO, M. F. **A violência nos diferentes contextos: na Política, na Família e na Pandemia**. Curitiba: Editora CRV, 2021. p. 49-65.
- PENARIOL, M. P. *et al.* Os efeitos da pandemia e as mudanças no comportamento alimentar. In: FERREIRA, E. M. **Psicologia: Trabalho e Sociedade, Cultura e Saúde** 2. Ponta Grossa, PR: Atena, 2021. p. 10-20.
- PENSON, R. T. *et al.* Fear of death. **Oncologist**, v.10, n. 2, p. 160-169, 2005.
- PEREIRA, C. R. *et al.* The P-A-C-I-E-N-T-E Protocol: An instrument for breaking bad news adapted to the Brazilian medical reality. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 63, n. 1, jan. 2017.
- PIAGET, J. **A construção do real da infância**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996. _____ . **O nascimento da inteligência na criança**. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- PINA, I. C. Ritos e imaginário da morte em testamentos dos séculos XIV e XV. In: MATTOSO, José (Org.) **O reino dos mortos na Idade Media Peninsular**. Lisboa: Edições João de Sá da Costa, 1996.
- PINTO, Z. A. **Menina Nina: duas razões para não chorar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2000.
- PODCAST FINITUDE: Por que gostamos tanto de *true crime*? Entrevistada: Valéria Tinoco. Entrevistadores: Renan Sukevicius e Juliana Dantas. [S.l.]: Rádio Guarda-

chuva, 03 ago. 2021. *Podcast*. Disponível em:

<<https://podcasts.apple.com/gt/podcast/por-que-gostamos-tanto-de-true-crime/id1459756895?i=1000530825952>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PRIGERSON, H. G. Complicated grief. **Bereavement Care**, v. 23, n. 3, p. 38-40, 2004.

_____.; VANDERWERKER, L. C.; MACIEJEWSKI, P. K. A case for inclusion of prolonged grief disorder in DSM-V. In: STROEVE, M. S. *et. al.* (Orgs.) **Handbook of bereavement research and practice**: advances in theory and intervention. Washington: American Psychological Association, 2008, p. 165-186.

RAICHELIS, R.; ARREGUI, C. C. O trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 141, p. 134-152, jan./abr. 2021.

RANDO, T. A. (Org.). Anticipatory mourning: a review and critique of literature. IN: RANDO, T. A. (Org.). **Clinical dimensions of anticipatory mourning**: theory and practice in working with the dying, their loved ones, and their caregivers. Champaign: Research Press, 2000, p. 17-50.

_____. *et. al.* A call to the field: complicated grief in the DSM-5. **Omega (Westport)**, v. 65, n. 4, p. 251-255, 2012.

RANGEL, D. **Onde está você**. Livre Pensar Editorial, 2020.

RAPINI, R. Vida após a morte: apps usam IA para criar chatbots de falecidos.

Nerdizmo, 11 out. 2019. Disponível em: < <https://nerdizmo.uai.com.br/vida-apos-a-morte-na-era-digital/>>. Acesso em: 22 set. 2021.

REGEHR, C.; SUSSMAN, T. Intersections between grief and trauma: toward an empirically based model for treating traumatic grief. **Brief Treatment and Crisis**, v. 4, n. 3, jan. 2004, p. 289-309.

REIS, J. J. O lugar da morte na Revolta da Cemiterada: Bahia, 1836. **Resgate da memória**, Salvador, n. 3, p. 31-35, nov. 2014.

REZENDE, V. B. *et al.* Mistanásia e pandemia: um cenário do primeiro quadrimestre de 2020. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 12417-12433, maio./jun. 2021.

RIBEIRO, K. G. *et al.* Comunicação de más notícias na educação médica e confluências com o contexto da pandemia de covid-19. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 30, n. 4, e201058, 2021.

RINGTVED, G. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

ROBINSON, E. *et al.* Obesity, Eating Behavior and Physical Activity During COVID-19 Lockdown: A Study of UK Adults. **Appetite**, v. 156, n. 104853, 2021.

ROCHA, E. **Roupa de brincar**. São Paulo: Pulo do gato, 2015.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

_____. Imagens e significados da morte no Ocidente. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

RODRIGUES, M. **O que faço com esse buraco?** São Paulo: Cortez, 2020.

RODRIGUES, N. **A menina sem estrela**: Memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSÁRIO, A. B. O real da pandemia e o surreal do desgoverno: notas sobre o trauma brasileiro. In: MOREIRA, J. O. (Org.). **Luto e morte em tempos de pandemia**: reflexões a partir da psicologia. Belo Horizonte: EdUEMG, 2021. p. 151-164.

RUSSO, R. MetrÓpole. In: URBANA, L. **Dois**. Londres: EMI, 1986. 1 CD, Faixa 7.

RYAN, V. **Quando seus avós morrem**: um guia infantil para o pesar. São Paulo: Paulus, 2004.

SANCHES, M. Brasileiro perdeu quase 2 anos de expectativa de vida na pandemia, e 2021 deve ser pior, diz demÓgrafa de Harvard. **BBC News Brasil**, Washington, 14 abr. 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56743837> >. Acesso em: 18 jun. 2021.

SANGALLI, H. L. J. **A morte na territorialidade digital: espetáculo, consumo e gestão do medo nas redes sociais.** 2017. 277 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2017.

SANTOS, M. M. O.; SEIDEL, S. M. Doulas da morte: construção de um modo de atuação nos cuidados de fim de vida. In: GIMENEZ, C. P. C.; SANGOI, K. C. M. (Orgs.). **Olhares interprofissionais sobre vida e morte: mediação entre a vida e a terminalidade pelo Direito, Saúde e Bioética.** Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

SANTOS, S. F. **A construção social do mercado funerário no Brasil: agentes, instituições e estratégias de negócios.** 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019.

SANTOS, S. *et al.* Family rituals when children have cancer: a qualitative study. **Journal of Family Psychology**, v. 32, n. 5, p. 643-653, 12 jul. 2018.

SAUNDERS, C. **Hospice and palliative care: an interdisciplinary approach.** Londres: Edward Arnold, 1991.

SBGG. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. **Doulas da morte auxiliam pacientes ao fim da vida.** 11 fev. 2019. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/doulas-da-morte-auxiliam-pacientes-ao-fim-da-vida/>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SCAVACINI, K. **E agora?** Um livro para crianças lidando com o luto por suicídio. São Paulo: All Print, 2014.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação.** São Paulo: Contraponto, 2001.

SCHÖSSOW, P. **Mas por quê?! A história de Elvis.** São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

SCORSOLINI-COMIN, F. Não há saudade ou terror que baste: conversando sobre os mortos, a morte e o morrer no contexto da pandemia de COVID-19. Prefácio. In: OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. *et al.* **Lutos na pandemia: conhecer, compreender e atuar.** Ribeirão Preto, SP: Ed. dos Autores, 2021, p. 11-16.

SERAFIM, S. O Natal do setor funerário. **Revista Diretor Funerário**, v. 14, n. 187, nov. 2011.

SEREJO, V. Morte, mortes. Prefácio. In: CHAGAS, J. **A morte e suas representações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. p. 9-11.

SHREEVE, J. **Túmulo de criança é o mais antigo sepultamento humano encontrado na África**. Disponível em:

<<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2021/05/tumulo-de-crianca-e-o-mais-antigo-sepultamento-humano-encontrado-na-africa>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SILVA, A. A. *et al.* A mercantilização da morte à luz da perspectiva bioética. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 11, n. 1, p. 109-114, jan./jun. 2020.

SILVA, B. C. A. Morte na modernidade. In: OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. *et al.* **Lutos na pandemia: conhecer, compreender e atuar**. Ribeirão Preto, SP: Ed. dos Autores, 2021, p. 38-58.

SILVA, J. F.; BLEICHER, T. Trauma na epidemia brasileira de covid-19: contribuições a partir de Lacan, Ferenczi e Kai Erikson. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 54, n. 3, p. 95-106, 2020.

SILVA, L. M.; CANAVÊZ, F. Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 3, p. 117-129, dez. 2017.

SILVA, M. F. L. O crítico do sensacionalismo midiático. **Observatório da imprensa**, 25 nov. 2014. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/ed826_o_critico_do_sensacionalismo_midiatico/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SILVERMAN, P. R.; KLASS, D. Introduction: what's the problem? In: KLASS, D.; SILVERMAN, P. R.; NICKMAN, S. L. (Org.). **Continuing Bonds: new understandings of grief**. New York: Routledge, 1996. p. 3-27.

_____.; NICKMAN, S. L. In: KLASS, D.; SILVERMAN, P. R.; NICKMAN, S. L. (Org.). **Continuing Bonds: new understandings of grief**. New York: Routledge, 1996. p. 73-86.

SOARES, A. R.; RIBEIRO, R. V. *Black Mirror: "Be Right Back"* (S02 E01), luto e herança digital. **Internetlab**, 05 dez. 2017. Disponível em: <https://www.internetlab.org.br/pt/opinioao/black-mirror-be-right-back-s02-e01-luto-e-heranca-digital/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

SOUPIIN, E.; LANDAU, L. **Operários da morte**. 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/reportagens-especiais/o-cansaco-dos-trabalhadores-da-morte.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília**, v. 35, p. 1-7, 2019.

SPEECE, M.; BRENT, S. Children's understanding of death: a review of three components of death concept. **Child Development**, v. 55, n. 1, p. 1671-1686, 1984.

STROEBE, M.; SCHUT, H. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. **Death studies**, v. 23, n. 3, p. 197-224, 1999.

_____. Models of coping with bereavement: a review. In: STROEBE, M. S. et. al. (Orgs.). **Handbook of bereavement research: consequences, coping and care**. Washington: American Psychological Association, 2001, p. 375-403.

STROEBE, M.; SCHUT, H.; STROEBE, W. Health outcomes of bereavement. **The Lancet**, v. 370, 2007, p. 1960-1973. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/HAW_Schut/publication/5778878_Health_outcomes_of_bereavement/links/00b7d52125fa7d87af000000.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

STROEBE, W.; STROEBE, M. S. Determinants of adjustment to bereavement in younger widows and widowers. In: STROEBE, W.; STROEBE, M. S.; HANSSON, R. O. (orgs.). **Handbook of bereavement**. Nova York: Cambridge University Press, 1993, p. 208-226.

TAVARES, J. S. C. "Falando da perda: hoje estou mal, espero que você entenda". **Le Monde Diplomatique Brasil**, ed. 156, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/falando-da-perda-hoje-estou-mal-espero-que-voce-entenda/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

TECKENTRUP, B. **A árvore das lembranças**. Rio de Janeiro: Rovel, 2014.

TELES, E. A pandemia e o governo dos corpos. **Revista Cult.**, v. 265, 4 jan. 2021. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/pandemia-e-o-governo-dos-corpos/>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

TINOCO, V. **O luto em instituições de abrigamento**: um desafio para cuidadores temporários. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15598/1/Valeria%20Tinoco.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte**: desafios. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

UNA-SUS. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença**. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>. Acesso em: 09 set. 2021.

VALDIVIA, P. **É Assim**. São Paulo: SM, 2012.

VENDRUSCOLO, J. Luto coletivo na pandemia: um tempo que refaz o que desfez. In: OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. *et al.* **Lutos na pandemia**: conhecer, compreender e atuar. Ribeirão Preto, SP: Ed. dos Autores, 2021, p. 101-117.

VERAS, L. A medicalização do luto e a mercantilização da morte na sociedade contemporânea. **Fenomenol. & Psicol.**, São Luís, v. 3, n. 1, p. 29-44, 2015.

_____.; SOARES, J. C. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 226-236, 2016.

VERDERY, A. M. *et al.* Tracking the reach of COVID-19 kin loss with a bereavement multiplier applied to the United States. **PNAS**, v. 117, p. 30, p. 17695-17701, 2020.

VICK, M. **Pandemia**: origens e impactos, da peste bubônica à covid-19. Nexo Jornal: 2020. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2020/06/20/Pandemia-origens-e-impactos-da-pesto-bub%C3%B4nica-%C3%A0-covid-19>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

VIGOTSKI, L. S. Teoria e método em Psicologia. Tradução de Claudia Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VILARDAGA, V.; LAVIERI, F. Estamos morrendo. **Revista Isto É**, 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/estamos-morrendo/>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

YUMOTO, K. **O urso e o gato-montês**. São Paulo: Brinque-Book, 2012.

WALDER, L. R. Be Right Back - a incidência do direito no pós-morte e o reflexo obscuro da sociedade digital. **Fronteiras interdisciplinares do Direito**, v. 1, n. 1, p. 152-177, 2019.

WALLACE, C. L. *et al.* Grief during the Covid-19 pandemic: considerations for palliative care providers. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 60, n. 1, p. e70-e76, jul. 2020.

WALTER, T. **The revival of death**. Londres: Routledge, 1997.

WANG, C. *et al.* Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. **Int J Environ Res Public Health**, v. 17, n. 5, 2020.

WEBER, M. Brasil é o quarto maior mercado de beleza e cuidados pessoais do mundo. **Forbes**, 4 jul. 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/principal/2020/07/brasil-e-o-quarto-maior-mercado-de-beleza-e-cuidados-pessoais-do-mundo/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

WESTIN, R. Crematórios se multiplicam pelo Brasil. **Jornal do Senado**, Brasília, ano 10, n. 440, 13 ago. 2013. Especial cidadania. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496455/130813_440.pdf?sequencia=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 ago. 2021.

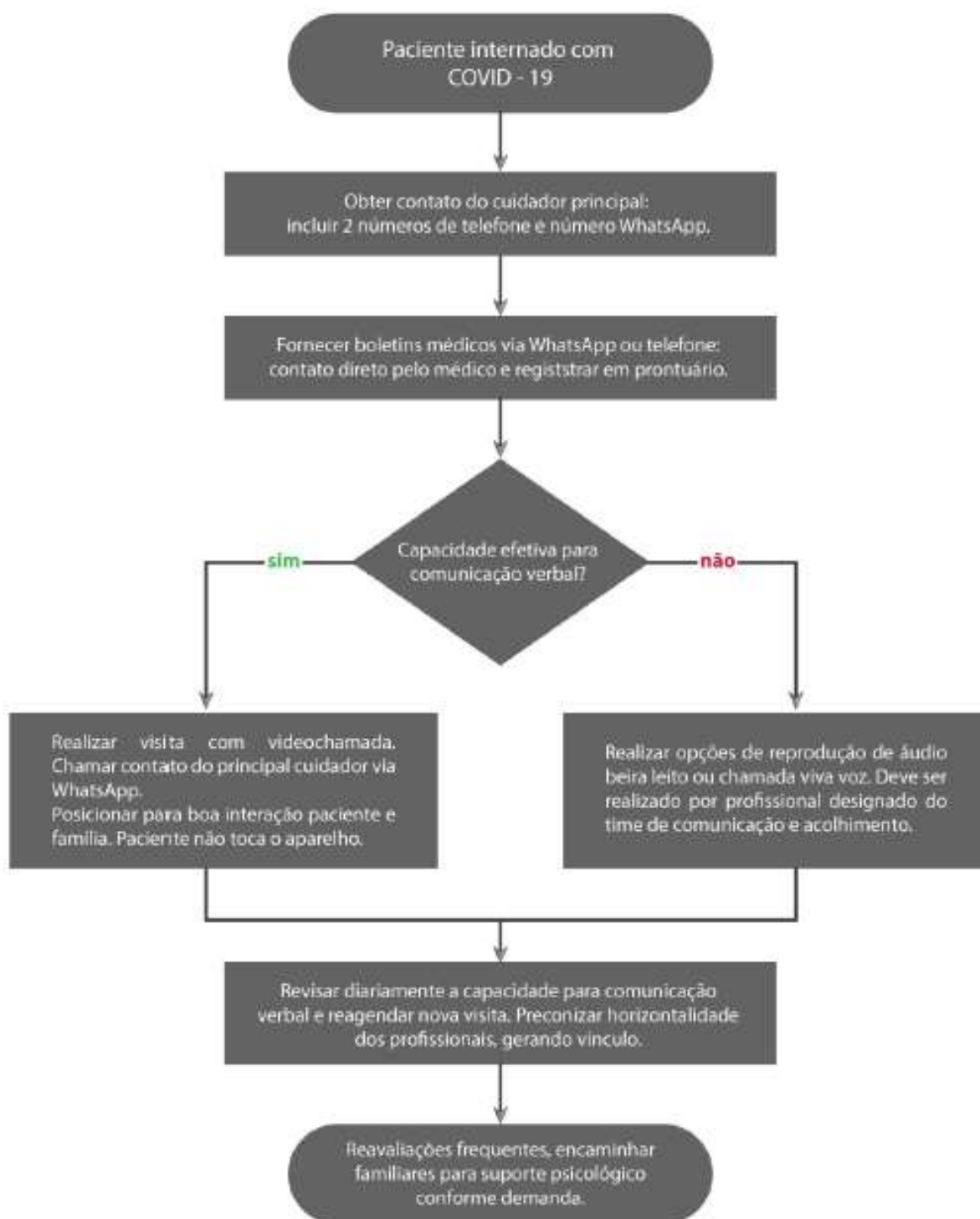
WHO. World Health Organization. **Palliative care**. 2002. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais da saúde mental. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.

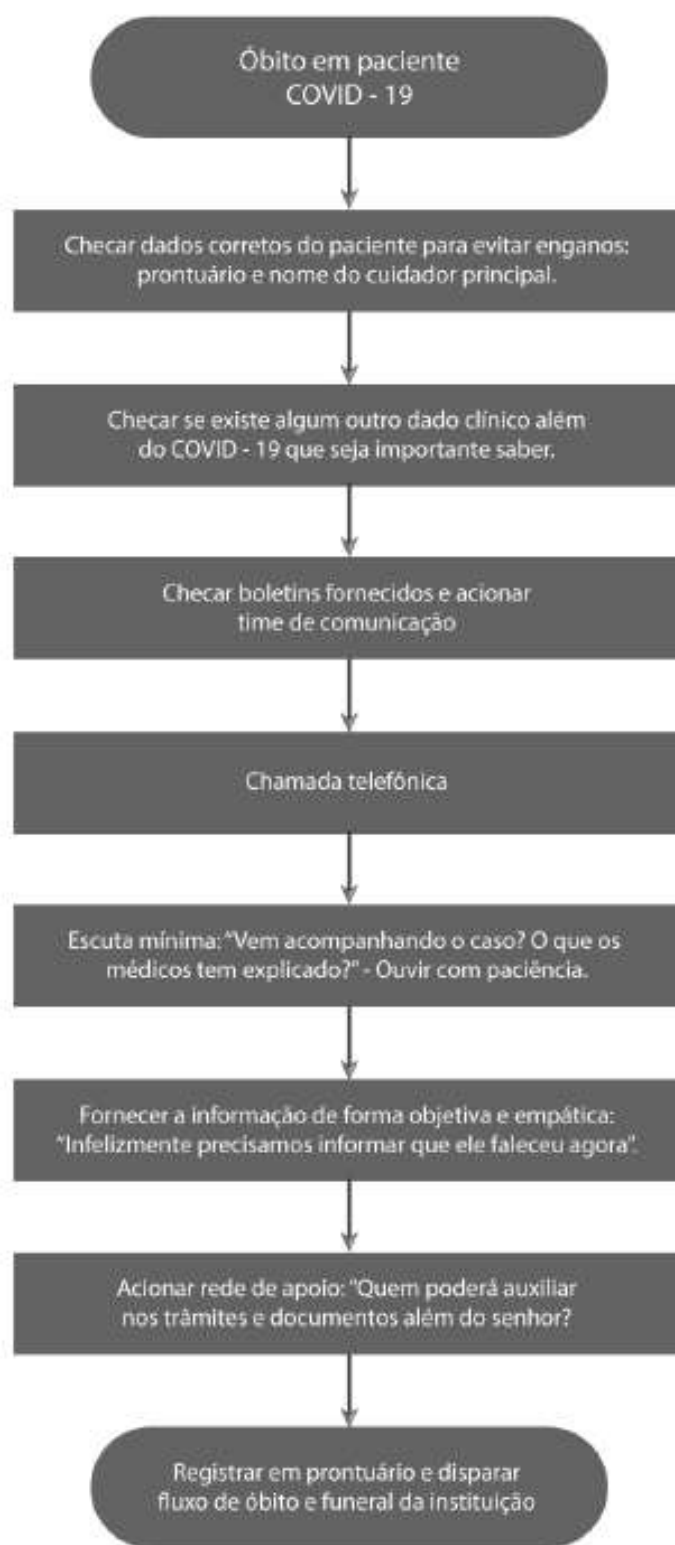
ZAGUETTO, A. P.; QUITÉRIO, J. A arte de festejar e ritualizar a morte. **ComCiência**, Campinas, n. 163, nov. 2014. Disponível em:

<http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2021.

ANEXO A – Fluxo de realização de boletim clínico e visita virtual para pacientes internados com Covid-19



(CRISPIM *et al.*, 2020)

ANEXO B – Fluxo para noticiar óbito por Covid-19 na pandemia(CRISPIM *et al.*, 2020)

ANEXO C – Recomendações sobre noticiar a morte a uma criança na pandemia de Covid-19

Tabela 8: Recomendações sobre noticiar a morte a uma criança na pandemia Covid-19	
1-	<i>A notícia precisa ser dada por uma pessoa que a criança tenha vínculo seguro, essa é a prioridade! Oriente o familiar a falar a verdade para a criança na linguagem da criança;</i>
2-	<i>Perguntar o que ela sabe sobre o que está acontecendo, se começarmos a falar pode ser que daremos informações desnecessárias;</i>
3-	<i>Fale a partir do que a criança sabe e do que foi dito a ela;</i>
4-	<i>Não usar metáforas! Por mais que seja difícil para o adulto falar a palavra “morreu”, é necessário. A criança está em desenvolvimento cognitivo e sua capacidade de abstração não está completa, então os eufemismos podem gerar mais confusão e fantasias;</i>
5-	<i>Dê espaço para a criança expressar seus sentimentos e fazer seus questionamentos. Certifique-a que ela será cuidada e receberá apoio;</i>
6-	<i>Use uma linguagem coerente com a idade da criança, mas não deixe de usar a palavra “morreu”, mesmo que ela não compreenda totalmente ainda, ela precisa diferenciar os tipos de ausência.</i>
7-	<i>Questione se ela deseja perguntar algo, abra espaço para ela falar e diga que sempre que precisar poderá perguntar. Mas só diga o que pode de fato cumprir.</i>

(CRISPIM et al., 2020)